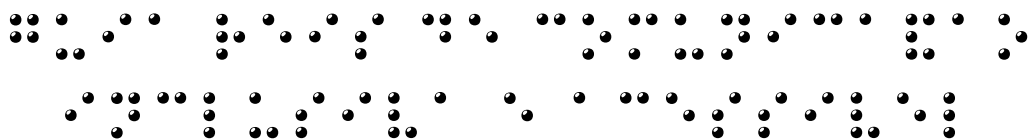


GUIA REIS DE COMUNICAÇÃO INCLUSIVA E ACESSÍVEL



GUIA REIS DE COMUNICAÇÃO INCLUSIVA E ACESSÍVEL



SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
Sobre a REIS.....	5
2. O HISTÓRICO DE EXCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	8
3. DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA E DE CAPACITISMO	12
Por que utilizar o termo “Pessoa com Deficiência”?.....	12
O que é capacitismo?.....	12
Coitadinho ou super-herói	12
4. ACESSIBILIDADES	18
5. ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL E DIGITAL	23
Acessibilidade digital / Web.....	24
5.1. DESIGN INCLUSIVO.....	24
5.2. COMO TORNAR AS PLATAFORMAS DIGITAIS ACESSÍVEIS?	26
W3C e WCAG.....	26
Web para Todos.....	27
Selo de Acessibilidade Digital	27
Dicas / recomendações	27
Disposição das informações (conteúdo)	27
Aparência (estética).....	28
5.3. RECURSOS DISPONÍVEIS PARA PLATAFORMAS DIGITAIS.....	31
Avaliadores de acessibilidade	31
Cores e contrastes.....	31
Ferramentas para Wordpress	32
Plugins	32
Aplicativos para legendas	32
Softwares para surdos.....	33
Transcrição de áudio em texto.....	33
5.4. ACESSIBILIDADE EM PLATAFORMAS DE STREAMING PARA REUNIÕES	34
Zoom.....	34
Google Meet.....	36
StreamYard.....	36
5.5. DESCRIÇÃO DE IMAGENS (TEXTO ALTERNATIVO) – DICAS PARA PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO	43
Elemento “alt” para desenvolvedores.....	45
Descrição de imagens em aplicativos	45
6. COMO GARANTIR ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL PARA CADA TIPO DE DEFICIÊNCIA E O QUE ELIMINAR DO SEU VOCABULÁRIO.....	48
Física.....	48
Auditiva	51
Visual.....	55
Intelectual	59
Transtorno do Espectro Autista (TEA).....	64
Psicossocial.....	68
Múltipla.....	68
REFERÊNCIAS.....	69

1



APRESENTAÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

No ambiente corporativo, os profissionais de comunicação são responsáveis por transmitir mensagens que cheguem com clareza ao seu público-alvo. Essa foi a máxima que vigorou até o final do século passado. A decisão de o quê, onde e como informar era unilateral e pouco representativa, dirigida para um “público-alvo”.

A partir do início dos anos 2000, a transformação digital possibilitou que todas as pessoas – que têm acesso à internet – sejam geradoras de conteúdo. Neste contexto, profissionais de comunicação precisaram se reinventar e assumir outros papéis nas organizações onde trabalham.

O **Guia REIS de Comunicação Inclusiva e Acessível** convida profissionais de Design, Jornalismo, Codificação, Desenvolvimento, Publicidade, Comunicação, Mídias Digitais e áreas afins a atuarem como agentes de transformação cultural e como pessoas aliadas ao propósito da equidade e inclusão de todas as pessoas.

Para isso, é necessário conhecer, engajar-se e promover o protagonismo de grupos de pessoas que, historicamente, foram excluídas e minorizadas, como é o caso das pessoas com deficiência.

O **Guia REIS de Comunicação Inclusiva e Acessível** foi elaborado com orientações para a execução cotidiana de seu trabalho, e também com referências para aprofundamento em temas específicos. E vai além: o Guia traz informações resumidas

sobre conceitos, tipos de deficiência, tipos de acessibilidade, o que fazer e o que não fazer.

A REIS trabalha para que a inclusão das pessoas com deficiência seja percebida como um valor para as empresas, e que a sociedade seja realmente inclusiva para todas as pessoas.

Sobre a REIS

Com nove anos de atuação sistemática, a Rede Empresarial de Inclusão Social pela empregabilidade da pessoa com deficiência, conhecida como REIS, é um movimento endossado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) da ONU, que reúne gestores de empresas nacionais e multinacionais que atuam no Brasil. A REIS conta com mais de 100 empresas participantes.

Em sua governança, conta com uma Secretaria Executiva, Conselho de CEOs, Grupo Diretor, Grupos de Trabalho (GTs), Grupo de Diretores de Diversidade e Inclusão, e Grupo de Profissionais de Comunicação. As empresas que integram o Grupo Diretor, em março de 2021, são: Accenture, Arcelor-Mittal, Atento, Carrefour, EY, JLL, Microsoft, Natura, RD, Serasa Experian, Sodexo, Vivo e TozziniFreire Advogados.

A iniciativa de realização do **Guia REIS de Comunicação Inclusiva e Acessível** surgiu a partir de um dos encontros, em 2020, de profissionais de comunicação das empresas que integram o Grupo Diretor da REIS. Seu lançamento entrou na pauta de 2021 do

GT de Comunicação, e sua execução foi assumida pela Secretaria Executiva da REIS, realizada pelo Instituto Modo Parités.

Integrantes do GT de Comunicação, em 2021: Lilian Rauld, líder do GT (Sodexo); Andre Bichara Corrêa (TozziniFreire); Fernando Braconott (Carrefour); João Campos (EY); Mônica Moreira (RD Raia Drogasil); Natasha Santos (Serasa Experian); Ivone Santana (Instituto Modo Parités).

Agradecemos aos profissionais que contribuíram com seus depoimentos e fotos, falando sobre a importância da acessibilidade em suas vidas, ao longo das páginas do **Guia REIS de Comunicação Inclusiva e Acessível**:

Camila Delfino, Carolina Ignarra, Cid Torquato, Djalma Scartezini, Dinacleia Galdino, Duda Schiavo, Eliane Ranieri, Gabriel Facchini, Gustavo Torniero, João Paulo Lima, Joyce Rocha, Katya Hemelrijk, Letícia Galatro, Marcelo Panico, Maria Paula Vieira, Marita Oliveira, Paolla Vicentin, Paulo Vieira, Sidney Tobias, Tabata Contri e Vinicius Schaefer.

Conheça mais nas redes sociais e no site www.redeempresarialdeinclusao.com.

Participe deste movimento!

2



O HISTÓRICO DE EXCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

2. O HISTÓRICO DE EXCLUSÃO SOCIAL DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Em 2020, segundo estimativa da ONU, as pessoas com deficiência representavam 1 bilhão do total de 7,7 bilhões de seres humanos no planeta Terra. O desconhecimento sobre aspectos que envolvem a convivência com pessoas com deficiência é explicado por um histórico de exclusão sistemática, e é incontável o número de pessoas impedidas de desenvolver seus talentos e seu potencial devido a essa situação.

Marginalizadas e excluídas durante muitos séculos, as pessoas com deficiência já foram definidas como incapazes, defeituosas, amaldiçoadas, pecadoras, sem alma e objetos de caridade e piedade. Há poucas décadas, iniciou-se um crescente movimento que reconhece como problema as barreiras sociais enfrentadas pelas pessoas com deficiência, e delega à sociedade a responsabilidade de eliminar as barreiras por meio de recursos de acessibilidade e suportes, para que a pessoa desempenhe atividades corriqueiras com a autonomia possível, criando-se o conceito de Inclusão Social.

No Brasil, a institucionalização e segregação vigorou até muito recentemente. O movimento de garantia de direitos e reconhecimento da cidadania ganhou mais visibilidade a partir dos anos 2000, com um conjunto de sucessivos artigos e leis que garantem a inclusão das pessoas com deficiência nas empresas e em escolas regula-

res, duas conquistas defendidas pela REIS em todos os seus posicionamentos.

Os principais marcos legais brasileiros são: a Lei de Cotas (artigo 93 da Lei nº 8.213), de 1991, que define um percentual de contratação de empregados para empresas com 100 empregados ou mais; a ratificação da Convenção da ONU dos Direitos das Pessoas com Deficiência, de 2006, como Lei Constitucional; e a LBI (Lei Brasileira de Inclusão) (Lei nº 13.146), aprovada pelo Congresso Nacional em julho de 2015.

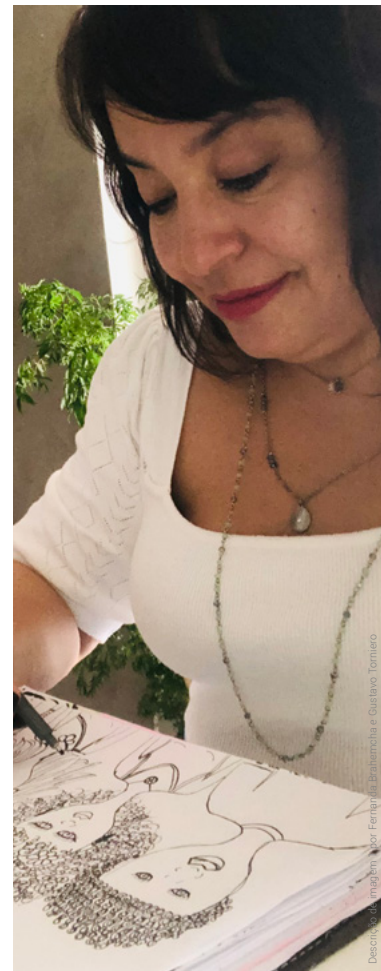
Cid Torquato

"Meu nome é Cid Torquato, tenho 57 anos e estou tetraplégico há 13 anos, depois de quebrar o pescoço em um mergulho equivocado na Croácia. Vocês não imaginam o quão complicado foi voltar ao Brasil. Fui internado numa clínica estatal de traumas, onde recebi a artrodese cervical e me recuperei para poder voltar para casa. Foi uma semana muito dura, dormindo pouco com a barulheira da UTI e a cabeça a mil, tentando entender tudo o que estava acontecendo. Depois de brigar com médicos, enfermeiras e auxiliares, que eu mal compreendia, finalmente fui liberado para a odisseia da volta de avião comercial. Aí começou minha nova vida! Com seis meses de lesão, fui convidado a integrar a equipe inicial da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo, onde cheguei a secretário adjunto. No final de 2016, fui convidado pelo atual governador, João Doria, a integrar sua equipe na Prefeitura de São Paulo, à frente da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência, onde permaneci até dezembro de 2020."



Carolina Ignarra

“Sou Carolina Ignarra, tenho 41 anos e uso cadeira de rodas desde os 21, pois sofri um acidente de moto. Desde 2004 atuo em programas de implantação de cultura de Diversidade e Inclusão nas organizações. Sou CEO e fundadora da Talento Incluir, consultoria que já incluiu mais de 7 mil profissionais com deficiência no mercado de trabalho. Em 2018, fui eleita a melhor profissional de Diversidade do Brasil segundo a revista *Veja* e, em 2020, uma das 20 mulheres mais poderosas do Brasil, pela revista *Forbes*. Sou autora dos livros *INCLUSÃO - Conceitos, histórias e talentos das pessoas com deficiência* e *Maria de Rodas - delícias e desafios na maternidade de mulheres cadeirantes*. Costumo dizer que sou uma pessoa privilegiada, voltei a trabalhar três meses após meu acidente e por iniciativa da minha gestora. Eu tinha acabado de me formar em Educação Física e atuava como professora de ginástica laboral. Foi muito desafiador, meus colegas eram jovens professores e nossos treinamentos eram práticos e algumas vezes radicais. Naquele momento eu tentava passar o mais despercebida possível e aceitava tudo. Muitas vezes topei ir para locais sem acessibilidade arquitetônica, só pra não dar trabalho ou não aumentar o custo da empresa na busca de locais mais acessíveis, até o momento que me vi precisando pedir ajuda pra escovar os dentes. A partir dali senti que precisava assumir minhas limitações e exigir locais mais acessíveis e prontos pra me receber. Muitas vezes nós, pessoas com deficiência, precisamos nos aceitar e nos posicionar para que nossos direitos sejam respeitados.”



3

DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA E DE CAPACITISMO

3. DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA E DE CAPACITISMO

Segundo a LBI (Lei Brasileira de Inclusão) e a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, “considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

Por que utilizar o termo “Pessoa com Deficiência”?

A terminologia para se referir às pessoas com deficiência passou por mudanças ao longo do tempo. A partir da Convenção da ONU em 2006, definiu-se mundialmente o termo “pessoa com deficiência” como o mais adequado. A pessoa vem antes, a deficiência vem depois. “Portador(a)” não se usa porque é possível portar objetos dos quais as pessoas podem se desfazer, e a deficiência é uma característica permanente ou de longo prazo. A deficiência é só uma de suas características, mas não a única. Pessoas com deficiência também podem ter olhos claros ou escuros, gostar mais de português ou matemática, por exemplo. Recomenda-se evitar usar a sigla “PcD” e utilizar a expressão por extenso, por não se tratar de uma sigla escolhida pelas pessoas com deficiência para que se refiram a elas dessa forma. Em último caso, se não for possível evitar, utilizar “as PcD” com essa

grafia. O mesmo vale para “PC” (paralisia cerebral) ou “SD” (síndrome de Down), ao se referir às pessoas com deficiência intelectual, por exemplo. A sigla desumaniza, estigmatiza e exclui, na medida em que só é conhecida por quem participa do segmento em que ela é utilizada. Não caia nessa tentação, por mais atraente que seja a ideia de economizar espaço ou driblar as palavras repetidas de um texto.

O que é capacitismo?

Assim como existe o racismo, o machismo e a LGBTQIA+fobia, existe o capacitismo, que é o nome dado ao preconceito e à discriminação contra as pessoas com deficiência. Desde 2015, com a promulgação da LBI (Lei nº 13.146/2015), o capacitismo passou a ser crime e “prevê pena de um a três anos de reclusão e multa, podendo a reclusão ter o seu período aumentado dependendo das condições em que o crime foi praticado”.

Coitadinho ou super-herói

Ao distanciar as pessoas com deficiência, a sociedade criou estereótipos para categorizá-las. Algumas pessoas manifestam sentimentos de pena, e usam as pessoas com deficiência como exemplo de sofrimento, para comparar com a vida de pessoas que não têm deficiência. Ao se referirem a uma pessoa com baixa mobilidade andando em uma rua íngreme, podem pensar ou dizer: “nossa, às vezes a gente reclama de boca cheia”, como se reconhe-

cessem que a pessoa precisa se esforçar muito para subir a ladeira. Porém, se a rua fosse acessível ela subiria sem esforço exagerado e não sentiriam pena dela.

As pessoas com deficiência também são vistas, muitas vezes, como exemplos de superação, quando fazem atividades da vida comum, por exemplo, comer, dirigir, andar de transporte público ou se exercitar. Elas só estão vivendo suas vidas, assim como outras pessoas. Ao receberem essa conotação de super-heróis, sem estar fazendo nada de mais, não são vistas como seres humanos capazes de ter autonomia.

Outra atitude capacitista é a de negar a deficiência de uma pessoa, ou colocá-la em uma frase de contraposição, como se a deficiência fosse um defeito, mas "apesar dele" a pessoa tivesse outras qualidades. Veja estes exemplos: "apesar da deficiência, ele é um ótimo profissional", levando a entender que a pessoa com deficiência não teria capacidade para ser um ótimo profissional. O mais apropriado, neste caso, seria: "ele tem deficiência e é ótimo profissional" ou apenas "ele é um ótimo profissional". No exemplo "ela é cega, mas mora sozinha" pressupõe-se que a pessoa cega não seja capaz de morar sozinha. Em vez disso, diga: "ela é cega e mora sozinha". Ou apenas "ela mora sozinha". Prefira sempre destacar a palavra "pessoa", pois a sua omissão pode fazer parecer que você só considera a deficiência e ignora todas as outras características da pessoa.

O que eliminar do vocabulário

DEFICIENTE	OS PCDS, PCDS, PCD
OS DEFICIENTES	PPD
O DEFICIENTE	PNE
PESSOA DEFICIENTE	CARACTERÍSTICAS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA COMO XINGAMENTO OU DEPRECIAÇÃO
PESSOA PORTADORA DE DEFICIÊNCIA	
PORTADOR(A) DE NECESSIDADES ESPECIAIS	VENDO ELE(A) EU PERCEBO QUE RECLAMO DE BOCA CHEIA
PESSOA COM PROBLEMA (NA PERNA, NO OLHO, NA CABEÇA...)	CADA PESSOA TEM A SUA CRUZ
CRIANÇA COM PROBLEMINHA	ELE FAZ ISSO SEM AS PERNAS E EU NÃO FAÇO COM AS DUAS PERNAS
DOENTINHO	
CRIANÇA DEFEITUOSA	PARABÉNS, VOCÊ É UM EXEMPLO DE SUPERAÇÃO, ESTOU INSPIRADO
PESSOA QUE SOFRE DE (SÍNDROME DE DOWN, TETRAPLEGIA, CEGUEIRA...)	GUERREIRO(A)
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA PARA SE REFERIR A TODOS OS TIPOS DE DEFICIÊNCIA	ELA É TÃO BONITA, NEM PARECE QUE TEM DEFICIÊNCIA
	VOCÊ É MUITO LINDO PARA ESTAR EM UMA CADEIRA DE RODAS

✓ O que fazer

- Tratar com naturalidade assim como faria com qualquer outra pessoa.
- Focar mais nas suas habilidades e menos nas suas limitações.
- Acreditar e incentivar seu potencial profissional.
- Possibilitar os devidos suportes necessários no ambiente de trabalho.

✗ O que não fazer

- Não se deve utilizar a palavra "deficiência" como antônimo de "eficiência". O contrário de eficiência é ineficiência e a pessoa com deficiência pode ser eficiente em muitas atividades.
- Não superproteger ou ter dó devido à deficiência.
- Não ter medo de conversar com a pessoa sobre a deficiência e, caso necessário, perguntar suas dificuldades nas atividades de trabalho.
- Não generalizar as pessoas com deficiência como todas iguais. Cada ser humano é único e tem a sua história de vida particular.
- Não tratar ou colocar a deficiência como um defeito.

Djalma Scartezini

“Sou Djalma Scartezini, tenho 38 anos, sou psicólogo de formação e possuo uma deficiência física desde o nascimento. Sou vice-presidente do EY Institute e gerente sênior da Consultoria de Diversidade da EY para América Latina. Minha experiência com acessibilidade, ou a falta dela, perpassa minha própria história de vida. Na escola, desde pequeno, precisei pedir ajuda para transpor grandes escadas e isso se perpetuou até o início da idade adulta. Precisei por exemplo pedir para entrar ou sair por outros portões que tivessem corrimão disponível para ter minha autonomia e direito de ir e vir garantidos. E, em nenhum momento, as instituições se dispuseram a instalar um corrimão, algo perfeitamente plausível – acreditavam que fosse um problema apenas meu. Hoje, com o advento da Lei Brasileira de Inclusão (LBI), por exemplo, me sinto muito mais à vontade para requerer não apenas para mim, mas para todas as pessoas com deficiência os seus direitos previstos em lei.”





Vinicius Schaefer

"Vinicius Alves Schaefer, 37 anos, paulista-no, secretário adjunto municipal da Pessoa com Deficiência de São Paulo. Nasci surdo, tenho habilidade de leitura labial e minha primeira língua é Libras (Língua Brasileira de Sinais). Sou formado em Administração de Empresas e Pedagogia, com MBA em Gestão Pública e pós-graduação em Libras. Um entusiasta de causas sociais, palestrante e atuante da causa surda e das pessoas com deficiência. A grande dificuldade dos surdos está na questão do trabalho. Principalmente quando o candidato surdo precisa passar por uma seleção de emprego, pois falta a comunicação. Falo por experiência própria. Geralmente no setor de RH não tem um intérprete de Libras para atender esse segmento, o que dificulta o processo de adaptação do surdo e seu trabalho. Temos outras dificuldades na comunicação em diversas outras áreas: saúde, bancária, escolar, comércio, etc."



4



ACCESIBILIDADES

4. ACESSIBILIDADES

Considerando que a interação com as barreiras é o que “define a participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”, passa a ser imperativa a promoção da acessibilidade para eliminar ou reduzir as barreiras.

Segundo a LBI, acessibilidade é: “possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida”.

A acessibilidade não diz respeito apenas às características arquitetônicas e estruturas físicas de um local, mas também ao funcionamento de produtos, serviços, meios de comunicação e, principalmente, ao comportamento de pessoas frente às pessoas com deficiência.

Segundo Romeu Sasaki, autor de vários livros sobre autonomia da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, existem sete tipos de acessibilidades: atitudinal; arquitetônica; comunicacional; instrumental; metodológica; programática e natural.

Atualmente também são consideradas as acessibilidades de transporte e digital.

Neste Guia, o foco é a Acessibilidade Comunicacional e Digital, mas, antes de entrar no tema, é importante saber que, se a falta de “acessibilidades” é a causa originária da exclusão, a acessibilidade atitudinal é a base para que todas as outras existam. Somente quando ela é colocada em prática é que se torna possível a implementação, de fato, das outras. Não se deve duvidar da capacidade de uma pessoa, nem pressupor que ela estará em risco, pois cada uma sabe bem o que consegue ou não fazer. Na dúvida, pergunte a ela. “Devo oferecer ajuda?”. Se oferecer e a pessoa recusar, aceite de bom grado e não se ofenda. Se ela aceitar, pergunte de que forma você pode apoiá-la. O suporte e atitude da liderança e da equipe de trabalho é essencial para um bom relacionamento interpessoal e desenvolvimento profissional. Acredite no potencial das pessoas com deficiência e invista em práticas inclusivas sem medo. Com certeza sua empresa terá retornos positivos e diferencial competitivo no mercado.



Marcelo Panico

“Olá, meu nome é Marcelo Panico, sou advogado e administrador de empresas, tenho 52 anos e perdi a visão aos 33 anos. Entendo que a acessibilidade na comunicação é fundamental e imprescindível para que a inclusão social seja efetivamente garantida às pessoas com deficiência visual, como preconiza a Constituição Federal e a Lei Brasileira de Inclusão, mas na prática isso não acontece. Frequentemente, como qualquer outra pessoa, utilizo bastante os recursos tecnológicos; desde aqueles mais simples, como os aplicativos para pedir comida, alimentos nos supermercados ou chamar um táxi, até aqueles mais complexos, como por exemplo acesso aos sites dos tribunais e cursos diversos, e, como eles são muito visuais e pouco acessíveis, tenho sempre muita dificuldade em utilizá-los e preciso recorrer a outras ferramentas. Dessa maneira, entendo que os desenvolvedores deveriam pensar em sistemas que garantissem a acessibilidade da comunicação para todos.”



Paulo Vieira

"Paulo Roberto Amaral Vieira, 50 anos, político e surdo de nascença. Quando era criança, não tinha a tecnologia que temos atualmente, a comunicação era bem precária. Quando chegaram os celulares ainda não tínhamos a mesma qualidade de internet como temos hoje, só funcionava para o envio de SMS ou ligações e, com o tempo, o SMS foi aumentando de valor – lembro que cada SMS custava R\$ 1,20. Um ponto importante que gostaria de ressaltar é o uso de avatares em programações ao vivo. A ineficácia não resulta em acessibilidade, este tipo de tecnologia pode até ser usada, mas em sites, por exemplo, não em momentos em que se necessita de uma interpretação da fala humana. Já sofri demais por falta de informações e comunicação precária e acredito que isto me impulsiona pela luta em prol das pessoas com deficiência."

Eliane Ranieri

"Meu nome é Eliane Pelegrini Ranieri, tenho 62 anos e sou cadeirante devido a sequelas de poliomielite que contrái aos seis meses de idade. Tive uma carreira de 33 anos na IBM onde, desde o início, me envolvi com os temas de diversidade, inicialmente como aliada e, nos últimos anos de carreira, como responsável pela área de diversidade e inclusão. Acessibilidade na comunicação sempre foi um tema essencial na minha carreira, não somente relacionado às pessoas com deficiência ou à minha deficiência, que é física, mas em relação a transformar a cultura da empresa em uma cultura inclusiva de forma que todos os assuntos estivessem acessíveis a todas as pessoas, considerando todos os níveis e formas de entender ou captar uma mensagem. Quanto mais aprofundi minhas habilidades de liderança, mais compreendi que as pessoas se comunicam e entendem as mensagens de formas diferentes e que é preciso ter diferentes ferramentas e maneiras de acessar as pessoas para traduzir a comunicação e garantir o correto entendimento. Por isso, nosso papel é conhecer as particularidades de cada indivíduo com deficiência e as ferramentas disponíveis no mercado que viabilizem uma comunicação fluida em qualquer circunstância, mas, sobretudo, trabalhar as questões atitudinais que criam barreiras intransponíveis para as relações profissionais e humanas."



5

ACCESIBILIDADE COMUNICACIONAL E DIGITAL

5. ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL E DIGITAL

A comunicação é essencial para os relacionamentos interpessoais, execução de atividades e resolução de conflitos. Dialogar, trocar informações e adquirir conhecimentos são ações fundamentais para a existência e evolução de qualquer ser humano. Mas será que todas as pessoas têm acesso à informação nos espaços coletivos e nos meios de comunicação? Como as pessoas que não escutam, não enxergam ou têm um modo diferente de compreender conceitos podem ter autonomia e ser sujeitos ativos de suas próprias vidas?

Diante do processo histórico de exclusão social das pessoas com deficiência, existem ainda obstáculos nas comunicações interpessoais. Muitas pessoas (principalmente as surdas, cegas, com autismo ou deficiência intelectual) se deparam diariamente com barreiras na comunicação, seja dentro ou fora do ambiente de trabalho, como ao assistir a um filme ou fazer uma reunião de trabalho por chamada de vídeo **online**.

Além de cidadãos com direitos garantidos, as pessoas com deficiência são, assim como as demais, produtoras de conhecimento, profissionais competentes, atletas, professoras e também consumidoras. Para desempenhar todos estes e outros tantos papéis, necessitam da acessibilidade comunicacional – e todas as outras acessibilidades – inclusive na hora de consumir produtos ou serviços, seja no ato da escolha ou da compra. Não há acessibilidade, por exemplo, quando pes-

soas com deficiência visual utilizam máquinas de cartão de crédito com botões em **touch screen** que não permitem que a pessoa, ao efetuar um pagamento, saiba quais números da senha do cartão está teclando e assim necessite pedir ajuda para outra pessoa fazer seu próprio pagamento, o que acaba invadindo a sua privacidade e prejudicando sua autonomia.

Para minimizar essas barreiras, devemos conhecer e implementar a acessibilidade comunicacional e digital em todos os contextos e ambientes possíveis. A acessibilidade comunicacional é aquela que se dá sem impedimentos na comunicação interpessoal, impressa, audiovisual e digital. São recursos como audiodescrição, legendas, Libras, conversa face a face, impressões em Braille e dublagem, entre outros.

A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) confirma a importância da proibição de implementar qualquer tipo de barreira na acessibilidade e destaca as barreiras nas comunicações e na informação como: “qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação”.

A Lei determina que os sites empresariais, canais de comercialização virtual e os anúncios publicitários veiculados na

imprensa escrita, na internet, no rádio, na televisão e nos demais veículos de comunicação abertos ou por assinatura devem disponibilizar, conforme a compatibilidade do meio, os recursos de acessibilidade de que trata o art. 67 desta Lei. Em seu art. 67: “Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I - subtítuloção por meio de legenda oculta; II - janela com intérprete da Libras; III - audiodescrição”.

Acessibilidade Digital / Web

Acessibilidade digital é uma série de recursos que possibilita a navegação, a compreensão e a interação de todas as pessoas na web (independentemente de suas dificuldades), com autonomia e sem precisar da ajuda de alguém. Em outras palavras: uma internet acessível para todos.

A [cartilha Acessibilidade na Web](#), produzida pelo [World Wide Web Consortium \(W3C\) Brasil](#) define acessibilidade na web como “a possibilidade e a condição de alcance, percepção, entendimento e interação para a utilização, a participação e a contribuição, em igualdade de oportunidades, com segurança e autonomia, em sítios e serviços disponíveis na web, por qualquer indivíduo, independentemente de sua capacidade motora, visual, auditiva, intelectual, cultural ou social, a qualquer momento, em qualquer local e em qualquer ambiente físico ou computacional e a partir de qualquer dispositivo de acesso”.

Na LBI, no inciso 2º do art. 68: “Consideram-se formatos acessíveis os arquivos digitais que possam ser reconhecidos e acessados por softwares leitores de telas ou outras tecnologias assistivas que vierem a substituí-los, permitindo leitura com voz sintetizada, ampliação de caracteres, diferentes contrastes e impressão em Braille”.

5.1. DESIGN INCLUSIVO

Design Inclusivo, segundo Marcelo Salles, designer UX (experiência do usuário) com foco nos campos de Design Inclusivo, IHC e Acessibilidade, é a disponibilização de um conteúdo, produto ou serviço para todas as pessoas, com ou sem deficiência, da maneira mais realizável possível, independente do lugar que ela acesse. Essa concepção foi fundada pensando nas plataformas digitais, mas a ideia é estendê-la também para o uso dos produtos físicos, com suas devidas adaptações.

É sobre projetar produtos pensando principalmente – mas não somente – em necessidades específicas de pessoas com deficiência, temporárias ou permanentes, de acordo com suas respectivas situações; ou seja, na verdade é projetar pensando em todos nós. Um site acessível para um daltônico ou pessoa com baixa visão pode ser acessível para um deficiente auditivo ou para uma pessoa sem deficiência, por exemplo.

O [Design Inclusivo](#) é pautado em 7 princípios, que devem sempre ser seguidos:

- **Proporcionar uma experiência equivalente:** garantir que a sua interface proporcione uma experiência compatível para todos, fazendo

com que as atividades sejam realizadas de maneira a atender qualquer necessidade, sem prejudicar a compreensão do material. Por exemplo: o conteúdo disponibilizado na visualização de um vídeo por uma pessoa vidente, ao ser traduzido na audiodescrição do vídeo para um cego, não deve perder o sentido.

- **Considerar a situação:** as pessoas usam sua interface em diferentes situações. Certifique-se de que você está oferecendo uma experiência equivalente para as pessoas, independentemente das circunstâncias de uso. Por exemplo: pessoas com idades diferentes podem usufruir do mesmo conteúdo em diferentes locais. No trabalho, na escola, em casa ou dentro de um transporte público. Com mais ou menos tempo, sob pressão ou não.
- **Ser consistente:** a disposição e o formato do conteúdo devem obedecer sempre a um mesmo padrão, da maneira mais didática possível, para possibilitar que a pessoa acesse intuitivamente e sem muito esforço. Você deve informar as mesmas coisas da mesma maneira e as pessoas devem poder fazer as mesmas coisas da mesma maneira. Por exemplo: um site ter "começo, meio e fim", com o título sempre na parte superior da tela em negrito e as informações menos relevantes sem negrito, na parte inferior da página. Obs.: o padrão estabelecido deve seguir as normas da [WCAG](#) – diretriz internacional de padrões acessíveis para a web.
- **Dar o controle:** dar autonomia para que o usuário possa interagir com o conteúdo da forma que preferir. Não remova ou desative a possibilidade de o usuário alterar e ajustar

as configurações do navegador ou da plataforma que usa, como orientação de tela, tamanho da fonte, zoom ou contraste. Por exemplo: pessoas com baixa visão geralmente utilizam zoom maior que 100%. Se você "travar" o zoom em um tamanho específico, impedirá que ela enxergue a fonte ou imagem no tamanho ideal para sua compreensão.

- **Oferecer escolha:** as pessoas devem ter diferentes maneiras de concluir determinadas tarefas, especialmente aquelas que são complexas ou não são padronizadas. Muitas vezes, há mais de uma maneira de concluí-las. Você não pode presumir qual seria o caminho preferido de alguém, mas deve permitir que a pessoa tenha liberdade de escolha. Por exemplo: sempre que houver conteúdo extenso em um *layout*, considere oferecer diferentes formas de visualização (grade ou lista). Isso atende as pessoas que preferem ver imagens maiores ou descrições melhores.
- **Priorizar o conteúdo:** um site ou aplicativo pode fornecer muitas informações e funcionalidades, mas as pessoas devem poder se concentrar em uma coisa por vez. Identifique o propósito central da interface e, em seguida, destaque o conteúdo e as funções necessárias para cumprir esse propósito. Por exemplo: em um aplicativo de e-mail, os botões de "escrever uma nova mensagem" e "caixa de entrada" devem ser priorizados e destacados em detrimento de outras funções disponíveis na tela.
- **Adicionar valor:** os recursos devem agregar valor à experiência do usuário, oferecendo maneiras eficientes e diversificadas de lo-

calizar e interagir com o conteúdo. Considere os recursos do dispositivo, como APIs de voz, geolocalização, câmera e vibração, e como a integração com dispositivos conectados ou com uma segunda tela pode fornecer opções. Por exemplo: adicionar um botão do tipo “exibir senha” em campos de digitação de senha para que os usuários possam verificar se a inseriram corretamente.

Como exemplo de produto digital acessível, podemos citar o **Zoom**, como falado neste guia no tópico “Acessibilidade em plataformas de **streaming** para reuniões”, onde disponibilizamos o tutorial para utilização de cada um de seus recursos de acessibilidade. Já o aplicativo **Clubhouse**, lançado em 2021, serve como um exemplo de produto não acessível, ou seja, que não foi planejado considerando o conceito de Design Inclusivo, pois ao ser criado apenas para uma parcela específica da população – quem 1) é ouvinte; 2) tem um iPhone e 3) recebe um convite para participar – excluiu a utilização de outras pessoas interessadas.

Somente com as funções de áudio disponíveis nas reuniões e sem nenhuma função possível de envio de mensagem de texto, o aplicativo exclui pessoas surdas não oralizadas, ou seja, que não conseguem se comunicar por voz falada. Além disso, torna-se um recorte de nichos particulares, a famosa “bolha”, de pessoas selecionadas com acesso a conhecimentos específicos. Falar de acessibilidade também é falar de equidade. Não podemos perpetuar a criação de produtos ou conteúdos que sejam acessíveis apenas a uma parcela da população. A Lei Brasileira de Inclusão (LBI) deixa bem clara a obrigatoriedade de os produtos e serviços

públicos e privados possibilitarem a utilização autônoma de qualquer usuário.

Em tempos atuais, com tanta tecnologia e informação disponível, não providenciar os devidos recursos para uso de todos (como por exemplo legendas, mensagem de texto, audiodescrição ou Libras) é fazer uma comunicação que, no mínimo, não atende a legislação e desconsidera milhões de pessoas. Se o Design Inclusivo e a acessibilidade do produto fossem considerados em seu planejamento, outras pessoas poderiam ter acesso ao mesmo conteúdo e perpetuar conhecimentos importantes por aí.

5.2. COMO TORNAR AS PLATAFORMAS DIGITAIS ACESSÍVEIS?

W3C e WCAG

É importante atentar sempre se os sites, redes sociais, campanhas, aplicativos e todos os meios de comunicação da empresa são acessíveis. Existe um órgão responsável por padronizar os códigos inseridos na programação de toda a Web chamado **W3C**. É uma comunidade internacional em que os membros se reúnem para estabelecer e adotar esses padrões, a fim de expandir o potencial da internet e garantir seu pleno desenvolvimento. Dentro da W3C foram criadas as **WCAG (Web Content Accessibility Guidelines)**, que são diretrizes e padronizações de conteúdos na Web que cumprem com as normas de acessibilidade e que atendem a todas as pessoas, principalmente às com deficiência.

Web para Todos

Existe um movimento chamado **Web para Todos**, referência na temática de acessibilidade digital. Conforme consta em seu site, o movimento foi idealizado em 2017 pela empreendedora Simone Freire, fundadora da Espiral Interativa, agência especializada em causas sociais, em parceria com o W3C Brasil. O movimento é um ponto de encontro entre organizações, desenvolvedores e pessoas com deficiência com o objetivo de mobilizar a sociedade para a causa da acessibilidade digital, e contribuir para transformar a web brasileira em um ambiente inclusivo para todos.

Selo de Acessibilidade Digital

O Selo de Acessibilidade Digital certifica sítios e portais eletrônicos que cumprem com critérios de acessibilidade estabelecidos nacional e internacionalmente. Os responsáveis por sítios e portais eletrônicos podem requerer o Selo à Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência, que, em conjunto com a Comissão Permanente de Acessibilidade (CPA), avaliará a acessibilidade das páginas submetidas, segundo critérios e procedimentos estabelecidos na Portaria SMPED-GAB nº 28/2019. Os requerentes cujos sítios ou portais eletrônicos avaliados cumpram com os referidos critérios serão contemplados com o Selo de Acessibilidade Digital.

Dicas / recomendações

O Instituto Alana publicou um guia de acessibilidade digital chamado **Um Caminho para a Comunicação Acessível**, em que dá orien-

tações de como realizar uma publicação digital acessível. Gostaríamos de destacá-las, a seguir, e acrescentar informações complementares com outras dicas, a respeito da disposição de informações em aplicativos móveis, obtidas no **Guia de Acessibilidade Móvel**, realizado pelo **Sidi** (Samsung Instituto de Desenvolvimento para Informática).

Disposição das informações (conteúdo)

1. Ordem:

- Estabelecer um fluxo linear de informações, ou seja, indicar uma ordem de navegação que aponte qual texto vem depois do outro, etc. Muitas vezes, a escolha desse “percurso” pode ser orientada por recursos visuais que façam parte da aparência (do chamado *layout*), ou seja, a apresentação da peça.
- Ordenar as telas sequencialmente e os componentes em um fluxo natural (linguagem ocidental), esquerda-direita, cima-baixo, seguindo sempre os padrões, normas e diretrizes da WCAG.

2. Posicionamento:

Organizar a localização dos componentes de acordo com convenções já conhecidas e consagradas, como por exemplo: botão “salvar” no canto superior esquerdo. Isso ajuda os usuários com deficiência visual a localizar os componentes e vai reduzir a carga de memorização durante a exploração e interação com a interface do aplicativo.

3. Sinalização:

- Deixar claro o que é texto principal e o que é texto secundário, como boxes, diagramas, citações e tudo o que sai da narrativa

principal. O produtor do conteúdo deve ser responsável por estabelecer tal marcação.

- Sinalizar quando um capítulo ou uma seção chega ao fim.
- Títulos: indicar em metadata o que é título, pois quando o leitor de página passar pelo conteúdo e transformá-lo em áudio, a informação lida deve ser: "título".
- Incluir sumário, com **hyperlinks/bookmarks** e hierarquia bem definida, sendo importante ter também um glossário dos termos menos conhecidos.

4. Seleção:

Priorizar os componentes relevantes e com função comprovada. Evitar o uso de informações desnecessárias ou irrelevantes. Lembre-se que cada componente de uma interface será uma informação a mais para o usuário com deficiência visual memorizar quando explora e interage com a interface, aumentando a carga cognitiva. Cada escolha deve levar em consideração a identidade visual do programa e dos projetos.

5. Quantidade:

Evitar telas com muito conteúdo no sentido vertical. As pessoas com deficiência visual utilizam muito a memória. Quanto mais informação na mesma tela, mais difícil e cansativa se torna a interação para esses usuários, além de correr o risco de gerar confusão para compreender as informações.

6. Previsibilidade:

Lembre-se que o sistema deve ser previsível, ou seja, que o usuário aprenda com facilidade sobre a interface e saiba onde

encontrar os componentes de que precisa, independente da tela em que esteja.

Aparência (estética):

1. Imagens:

Devem vir sempre acompanhadas de legendas e com descrição, chamada de **Alt Text** (abreviatura de "alternative text", ou texto alternativo). A maioria dos softwares de edição possibilitam escrever sobre a imagem. Obs.: no item "descrição de imagem (texto alternativo)" deste guia explicaremos essa função mais detalhadamente.

2. Gráficos e infográficos:

Nem sempre um leitor de tela consegue relatar de maneira compreensível os elementos de um gráfico ou infográfico. Nossa sugestão é desenvolver um texto descritivo, com detalhes dos dados apresentados e com as principais análises que podem ser feitas a partir do gráfico.

3. Cores:

Opte por aquela que gere contraste entre texto e fundo. Dê preferência ao uso de cores escuras no **background** da aplicação. Usuários com baixa visão tendem a ter sensibilidade à luz de telas brancas ou de cores claras. Evite utilizar as cores verde e vermelho, pois geralmente as pessoas com daltonismo apresentam dificuldade para identificá-las. Neste caso, o azul costuma ser uma boa opção.

4. Botões:

Prefira textos com mensagem direta que descreva a ação que vai acontecer. Exemplo:

"Clique aqui para baixar o formulário."



Duda Schiavo

“Olá, sou Duda Schiavo, tenho 23 anos e sou publicitária. Eu nasci com uma deficiência física no braço direito e o meu primeiro encontro com acessibilidade foi quando trabalhei no Instituto Modo Parités e a Ivone Santana, na época, notou que eu precisava de uma adaptação no meu espaço de trabalho para, assim, não prejudicar minha postura e não ter dores nas costas. Naquele momento, me senti como na primeira vez que experimentei óculos de grau: eu conseguia enxergar tudo sem, mas não sabia que era possível enxergar mais e melhor. A acessibilidade é isto: a recepção do corpo, a partir do que ele é. A acessibilidade me dá um lugar no mundo!”



Descrição da imagem 3 por Fernanda Brahemcha e Gustavo Tomiero

Tabata Contri

"Sou Tabata Contri, mãe, primeira atriz cadeirante atuando em novelas da televisão brasileira, comunicadora e consultora de inclusão de profissionais com deficiência. Sou cadeirante por causa de um acidente automobilístico no ano 2000. Na minha carreira de atriz e de consultora de inclusão muitas vezes me deparo com auditórios que têm acesso na plateia, mas se esquecem que eu preciso de acesso ao palco."

5.3. RECURSOS DISPONÍVEIS PARA PLATAFORMAS DIGITAIS

Avaliadores de acessibilidade

Para iniciar, é recomendado verificar o grau de acessibilidade do site ou aplicativo. Isso é possível por meio de ferramentas que fazem essa avaliação, todas seguindo as normas da WCAG. São elas: **ASES**, DaSilva, **Avaliador do MWPT**.

Dica para desenvolvedores |

Recursos Android:

Existem ferramentas que permitem validar requisitos de acessibilidade durante várias fases de desenvolvimento do projeto, como na concepção e na codificação. O uso dessas ferramentas permite diminuir o impacto, bem como o custo, das correções devido a não adequação aos requisitos de acessibilidade. Para esse fim, sugerimos a **ferramenta Lint (utilizada para o desenvolvimento de aplicativos da plataforma Android)**, que atua na verificação de código embarcada no Android Studio, IDE. Através dela o desenvolvedor pode escanear o projeto em busca de problemas estruturais em seu código, como chamadas de APIs não suportadas pela versão na qual está sendo desenvolvido o aplicativo.

Informações acima retiradas do [Guia para o Desenvolvimento de Aplicações Móveis Acessíveis](#), da Sidi (Instituto de ciência e tecnologia).

Dica para testadores |

Planejamento:

O planejamento é influenciado pela política de teste de cada organização; portanto, esta seção trata apenas de uma parte desse planejamento, que é específico do teste dos recursos de acessibilidade de um aplicativo. O objetivo do teste de acessibilidade de um aplicativo deve ser documentado de forma que oriente o testador a verificar as funcionalidades da aplicação, conforme define seus requisitos, e validar se a aplicação está acessível do ponto de vista do usuário. Ao habilitar o leitor de tela no dispositivo, ele pode fazer algumas alterações no aplicativo, como mudar a forma de interação dos componentes. Um exemplo é o duplo clique para ativar a opção escolhida. Uma vez que os usuários tendem a fazer uso de gestos específicos quando o leitor de tela está ativado, é importante identificar os gestos suportados pelo dispositivo e utilizá-los para uma validação bem guiada. Esses procedimentos, além de facilitar a execução dos testes, auxiliam também a reproduzir os defeitos encontrados. Segue um exemplo de como o Assistente de Voz e o TTS da Samsung estão disponíveis no dispositivo Galaxy S8, Android 7.0 Assistente de voz:

- Configurações > Acessibilidade > Visão > Assistente de Voz Text-to-Speech (TTS)
- Configurações > Acessibilidade > Texto para Voz

Cores e contrastes

Após avaliada a acessibilidade da página, recomenda-se verificar a disposição das

cores e contrastes, pois as pessoas com daltonismo podem apresentar dificuldades para absorver determinadas informações, dependendo de como as cores estão organizadas. Para isso, recomenda-se as ferramentas: [ColorBlind](#), [CheckMyColours](#), [Color Oracle](#), [Contrast Checker](#) e a opção “visualização de prova” do Adobe Illustrator.

Ferramentas para Wordpress

Existem alguns recursos de acessibilidade disponíveis para utilização da plataforma WordPress, a mais conhecida para criação de sites e blogs. São eles: [Watool](#), [Sogo Accessibility](#), [Accessibility Press: Images](#).

Plugins

Controle de cursor por comando de voz

Alguns *plugins* possibilitam que *softwares* não acessíveis se tornem acessíveis. O [Essential Accessibility](#) permite o controle do cursor para quem não utiliza o mouse ou teclado. Assim, o usuário pode acessar a internet por meio do comando de voz e controlar seu direcionamento por meio dos movimentos da cabeça.

Tradutor para Libras

O *plugin* da [Handtalk](#) possibilita que uma pessoa com deficiência auditiva compreenda o texto da página por meio do Hugo – um avatar virtual que traduz automaticamente o conteúdo para Libras, conforme o clique do usuário em cada palavra da página. Esse dispositivo é extremamente importante e necessário, uma vez que muitos surdos utilizam apenas a Língua Brasileira de Sinais para se

comunicar, pois não compreendem necessariamente o português.

Leitor de site

O *plugin* de leitor de site possibilita que pessoas com deficiência visual tenham acesso ao conteúdo em forma de áudio, ao clicar nas palavras da página.

Player de áudio

A Startup Audima criou e disponibilizou um player de áudio para sites; ao clicar no “play” da barra de reprodução, o computador narra todo o conteúdo da página em formato de áudio. Existe a versão gratuita, com propaganda, e a paga, em que é possível escolher a voz e a velocidade da leitura. Para implementar esse dispositivo em seu site, acesse <https://audima.co/>.

Leitores de tela

As pessoas com deficiência visual geralmente utilizam leitores de tela que transformam o conteúdo da página (textos, menus, caixas de diálogo, ícones, arquivos, pastas) em formato de áudio. Dependendo do sistema operacional existem diferentes leitores. São eles:

- Windows: [Jaws](#), [NVDA](#), [Virtual Vision](#), [DOS-VOX](#)
- OS e IOS: [Voice Over](#)
- Linux: [Orca](#)
- Android: [TalkBack](#)

Aplicativos para legendas

No caso de vídeos é recomendada a utilização de legendas. Aqui vão algumas dicas de aplicativos para produzir legendas em vídeos:

- Computadores: YouTube, KapWing, Videopad, Wave.video
- iPhones (IOS): Clips, Clipomatic, Mixcaptions, Add Subtitles cc, Splice (editor da GoPro), Gravie, Wave.video.
- Android (OS): Androvid, inShot, Movavi Clips.
- Ambos (iPhone ou Android): VideoShow, AutoCap, VLC .

No **Guia Final de Ferramentas de Acessibilidade Digital** produzido pela HandTalk, é possível se aprofundar em como utilizar (e quais são as funções de) alguns desses recursos citados acima.

Softwares para surdos

ICOM

O ICOM é uma tecnologia que possibilita a comunicação entre surdos e ouvintes, destinada a empresas, órgãos públicos e pessoas físicas. O serviço é um tradutor de Libras em tempo real, baseado em uma central de tradução simultânea com intérpretes profissionais disponíveis 24 horas por dia. Todas as funcionalidades do ICOM podem ser acessadas por celulares, tablets e computadores, bastando acessar o site ou baixar o aplicativo, disponível em Android e iPhone. Por meio de uma videochamada, o serviço triangula a comunicação entre o intérprete, o surdo e o ouvinte. O surdo também pode acionar a central para entrar em contato com qualquer empresa, entidade ou órgão governamental quando precisar solicitar um atendimento, fazer uma compra, marcar consultas médicas ou esclarecer dúvidas. O serviço também será disponibilizado, em breve, em setores de "fale conosco", "SAC", ouvidorias e televendas

dos sites das empresas parceiras do ICOM, pelos quais a pessoa surda poderá solicitar o atendimento por meio de um atendente virtual que converse em Libras ou clicar no botão que fará contato automaticamente com a central do ICOM.

Passo a passo para a utilização do ICOM:

1. Ao receber um cliente surdo, o usuário aciona a Central de Tradução Simultânea e estabelece uma conexão por vídeo. A partir daí, o intérprete de Libras faz a intermediação da conversa entre o surdo e quem está realizando seu atendimento.
2. Quando o surdo não está no local com o qual precisa se comunicar, ele acessa o serviço pelo site ou aplicativo do ICOM e estabelece uma videochamada com a central. Em seguida, o intérprete chama o número do local ou serviço desejado e prossegue com o atendimento

Para saber mais a respeito, acesse: <https://icom-libras.com.br/como-funciona/>

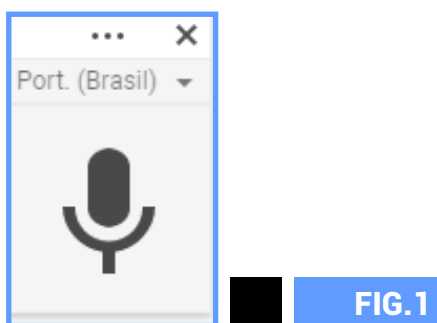
Transcrição de áudio em texto

Webcaptioner

O Webcaptioner é um site extremamente fácil de ser utilizado. Ele transcreve automaticamente o áudio em texto, seja falado pela pessoa que está utilizando o microfone do dispositivo, seja captado pelo alto-falante do computador, como o som emitido de um vídeo gravado ou uma **live**, por exemplo. Para utilizá-lo, basta acessar o **site** e clicar na opção "start captioning". Depois, é só iniciar a fala ou aumentar o volume do som do computador.

Digitação por voz do Google Docs

Para ter um áudio gravado transcrito automaticamente em texto utilizando o Google Docs, basta, na página de edição de texto, clicar na opção “ferramentas” e posteriormente em “digitação por voz”. Vai surgir uma janela com o ícone de um microfone, é só clicar nele, aguardar ficar vermelho e iniciar o áudio.



5.4. ACESSIBILIDADE EM PLATAFORMAS DE STREAMING PARA REUNIÕES

Zoom

A plataforma Zoom, conforme consta em seu próprio site e aplicativo, conta com diversos **recursos de acessibilidade**, como:

• Atalhos de teclado

• Suporte a leitor de tela

• Transcrição automática

• Closed caption

• Posição dos vídeos

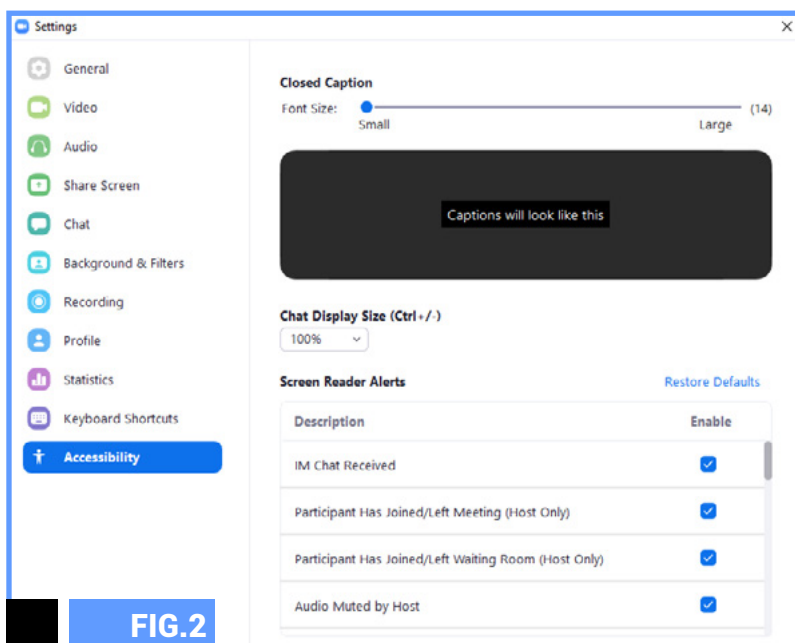
• Multidestaque e multifixação

Tutorial de como utilizar os recursos de acessibilidade disponíveis no aplicativo Zoom: Ao entrar no aplicativo, clique em **settings** (configurações) e em seguida em **accessibility**.

Nesta página, é possível controlar o tamanho da fonte da **closed caption** (legenda), o tamanho do **chat** e habilitar funções possíveis de serem lidas pelo leitor de tela, como quando um participante entra ou sai da reunião ou quando o anfitrião emudece o áudio da pessoa que está assistindo.

Para habilitar a função de **closed caption** (ou seja, legenda simultânea durante a reunião), acesse o link <https://zoom.us/profile/setting>. Na seção “pessoais” clique em configurações → “Em Reunião (avançado)” → habilitar o botão **closed caption**. Na mesma página, é possível habilitar a função de “salvar legendas” e “controle da câmera da extremidade”, logo abaixo.

Para fixar a janela de vídeo de uma pessoa (por exemplo, um intérprete de Libras) é só clicar com o botão direito do mouse em cima do quadrado do vídeo da pessoa e selecionar a opção **“spotlight for everyone”**. Para fixar outros participantes é só clicar com o botão direito do mouse na janela da pessoa desejada e selecionar a opção **“add spotlight”**.



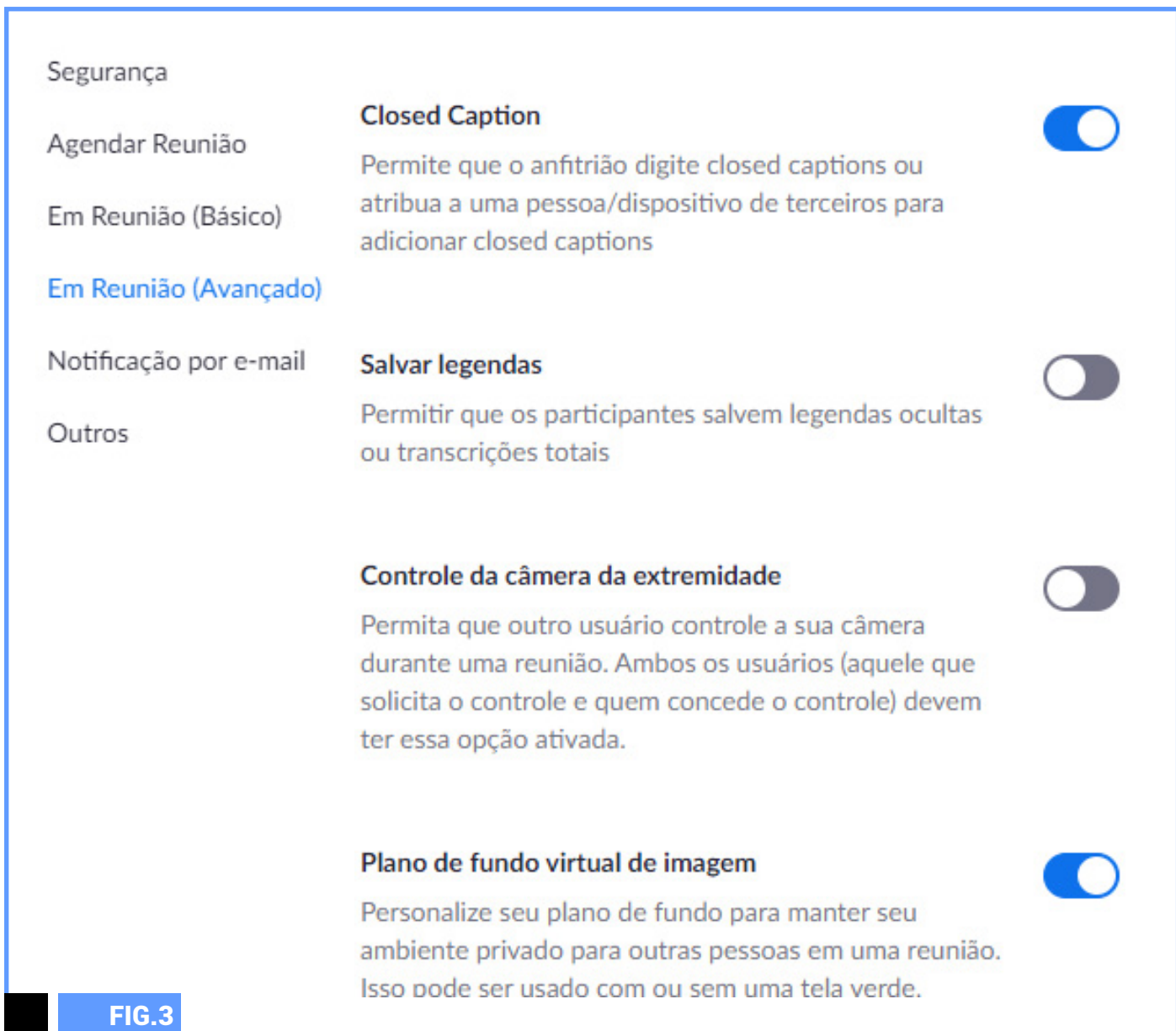


FIG.3

Fonte da imagem: <https://zoom.us/profile/setting>

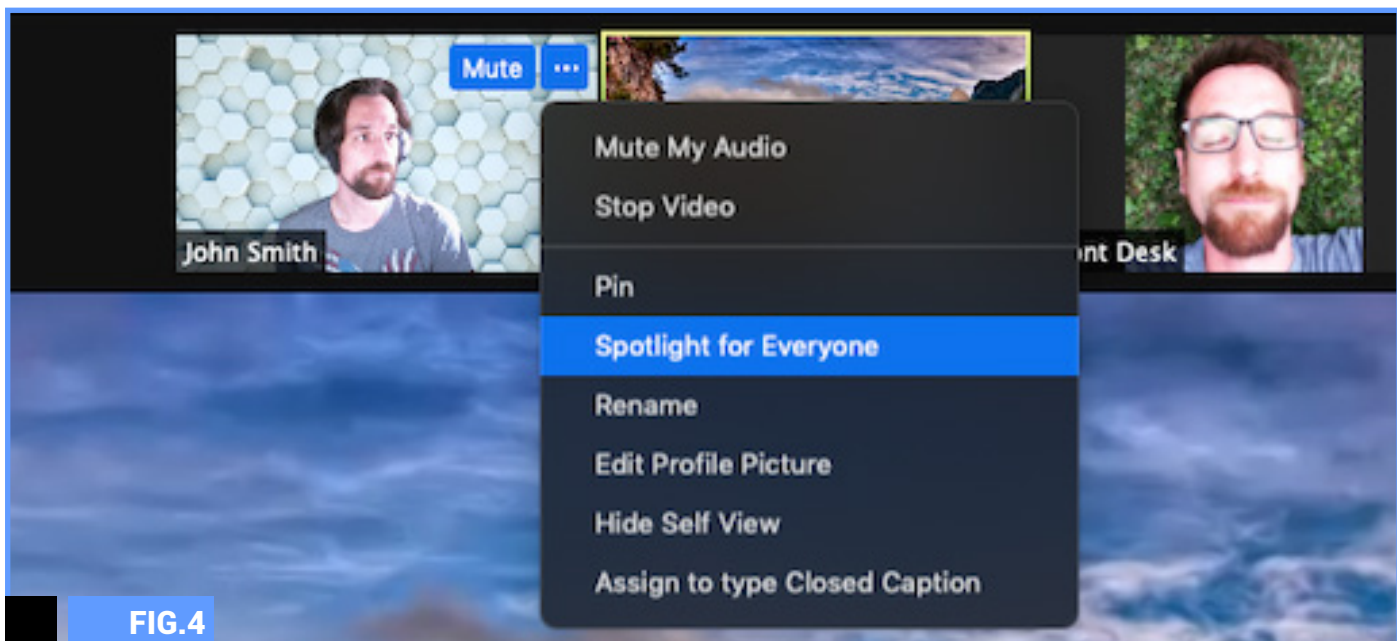
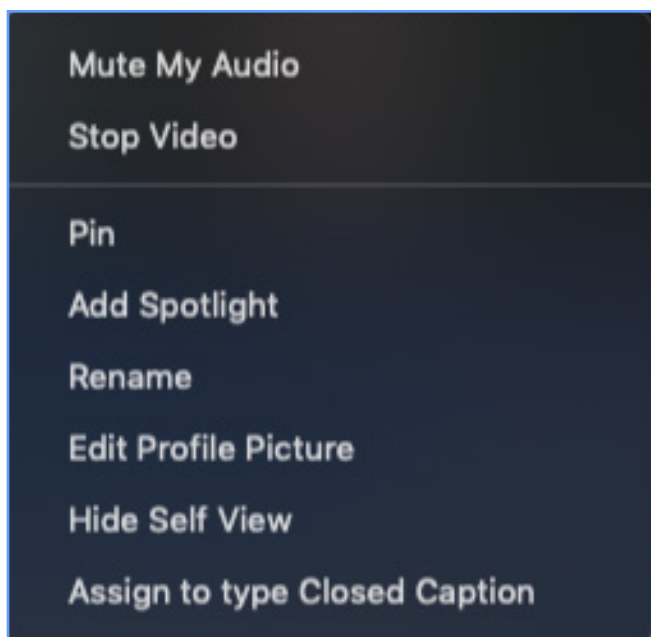


FIG.4

Fonte da imagem: <https://support.zoom.us/hc/en-us/articles/201362653-How-do-I-spotlight-a-speaker->

FIG.5



Google Meet

A plataforma *Google Meet* conta com diversas **ferramentas de acessibilidade**, conforme disponíveis em seu próprio site/aplicativo:

- **Legendas instantâneas**
- **Leitores de tela e lupas**
- **Atalhos de teclado**
- **Hardware de sala de reunião**

Tutorial para conhecer e utilizar os recursos de acessibilidade disponíveis na plataforma Google Meet: acesse sua página (<https://meet.google.com/>) e clique na opção "**Saiba mais sobre o Google Meet**" que fica no canto inferior esquerdo da tela e que abrirá automaticamente a página de "Como Podemos Ajudar". Em seguida, existem 2 opções: 1) digite a palavra "acessibilidade" dentro da caixa de texto em "*descreva o problema*" e selecione o artigo "**Acessibilidade do Google Meet**" ou 2) selecione o tópico "Introdução ao Google Meet" e posteriormente clique no item "**Acessibilidade do Google Meet**". Nesta página estarão disponíveis para leitura todas as opções do aplicativo citadas acima.

StreamYard

A ferramenta StreamYard não possui uma categoria específica sobre acessibilidade na própria plataforma. No entanto, é possível habilitar legendas em transmissão ao vivo pelo Facebook. Para isso, os convidados que assistirem a *live* devem habilitar a função individualmente, em seu próprio Facebook.

Acessibilidade do Google Meet

Usuários com deficiência podem participar de videochamadas do Google Meet usando recursos de acessibilidade no Meet, no navegador Chrome e no hardware de sala de reunião do Google.

Recursos de acessibilidade

- **Legendas instantâneas:** exiba legendas para que os participantes surdos ou com perda auditiva possam acompanhar o que é falado em videochamadas. Se você gravar uma videochamada, as legendas não serão gravadas nem exibidas quando a gravação for reproduzida. Veja mais informações em [Usar legendas em uma videochamada](#).
- **Leitores de tela e lupas:** os usuários cegos ou com baixa visão podem usar o leitor de tela integrado, o zoom em tela cheia, as cores de alto contraste e as extensões de acessibilidade no navegador Chrome. Veja mais informações em [Recursos e produtos do Google Acessibilidade](#) .
- **Atalhos do teclado:** os usuários podem controlar a câmera e o microfone e abrir os recursos de acessibilidade pelo teclado. Veja mais informações em [Google Workspace Atalhos do teclado](#)
- **Hardware de sala de reunião do Google:** os usuários com perda auditiva e baixa visão podem usar o feedback falado e as legendas instantâneas no hardware do Google Meet e no Chromebox e no Chromebase para videoconferências. Veja mais informações em [Acessibilidade do hardware de sala de reunião do Google](#) .

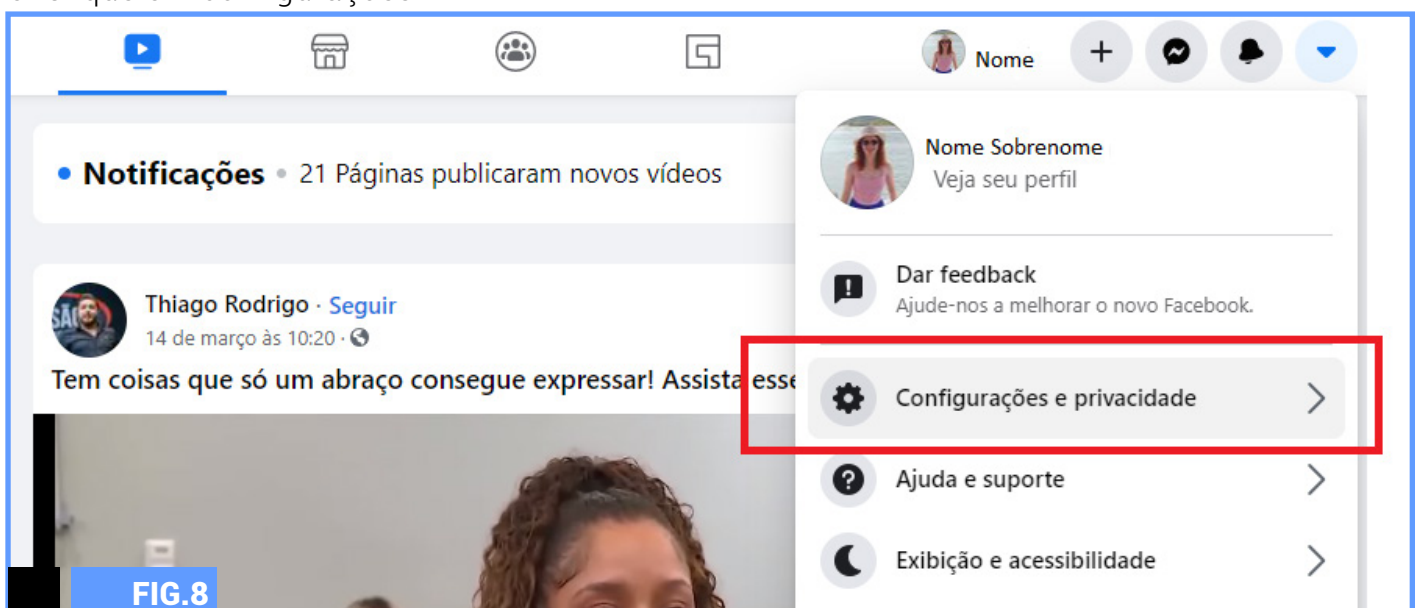
FIG.6

Tutorial de como habilitar legendas para assistir a transmissões ao vivo no Facebook:

1. Na página inicial do seu Facebook, clique na opção "conta" na setinha no canto superior direito da tela.
2. Depois, clique em "configurações e privacidade".



3. Clique em configurações.



4. Clique em "vídeos".

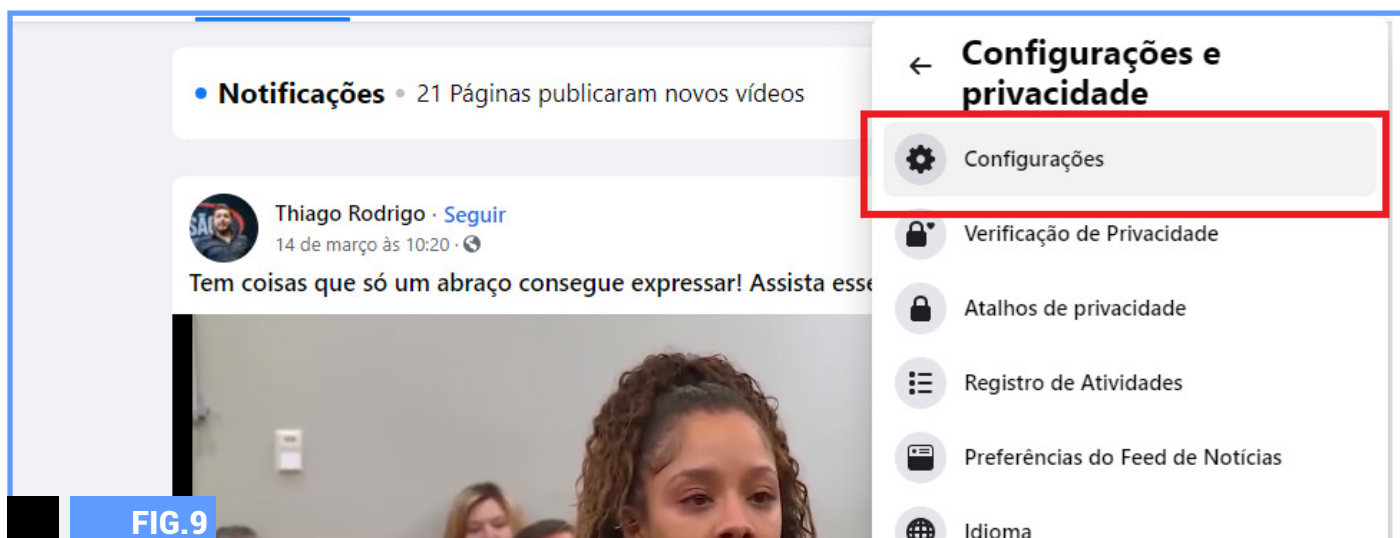


FIG.9

5. Na opção "sempre mostrar legendas", selecione "ativado".

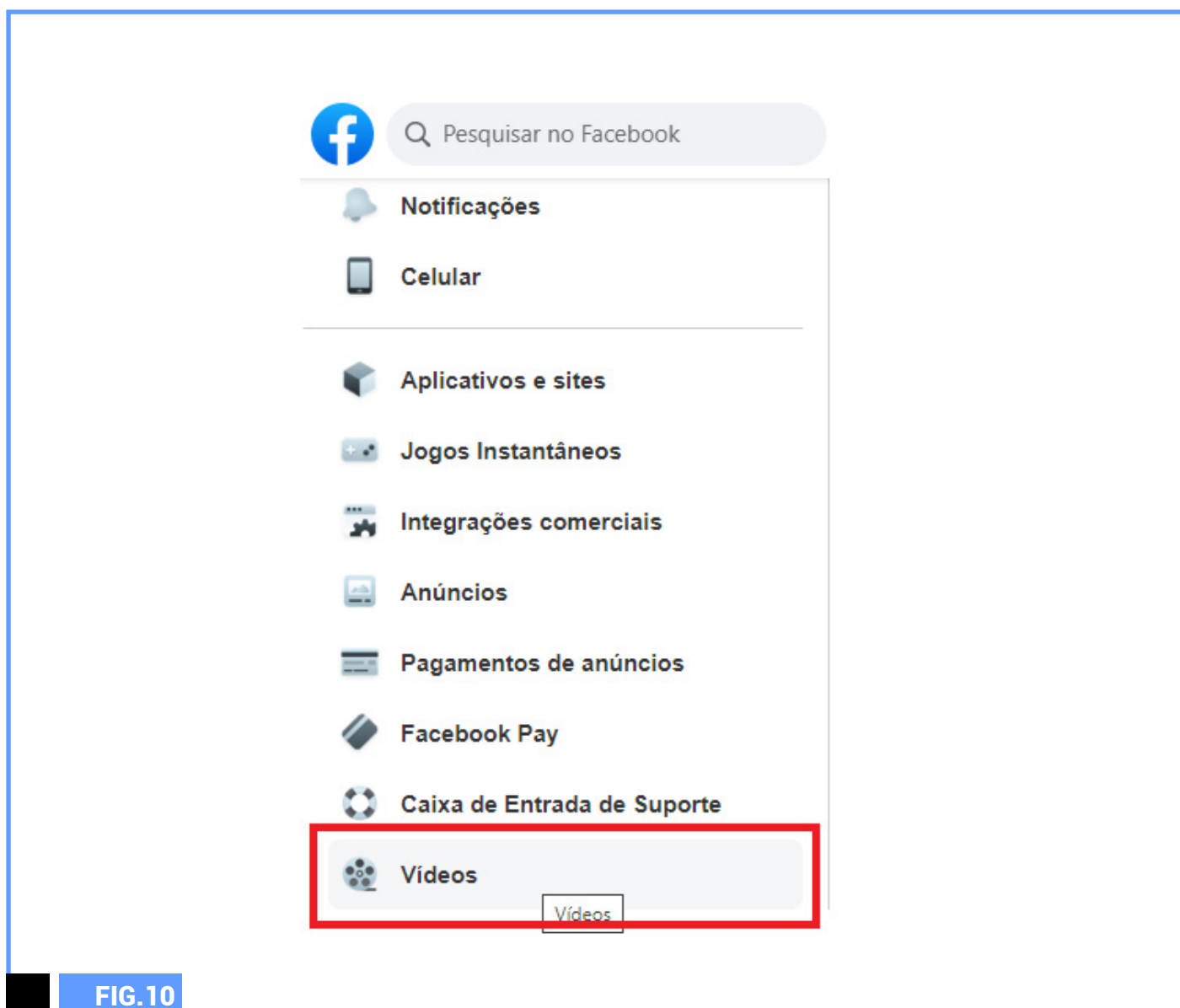


FIG.10

Ativar legendas (closed caption) em uma transmissão ao vivo do YouTube:

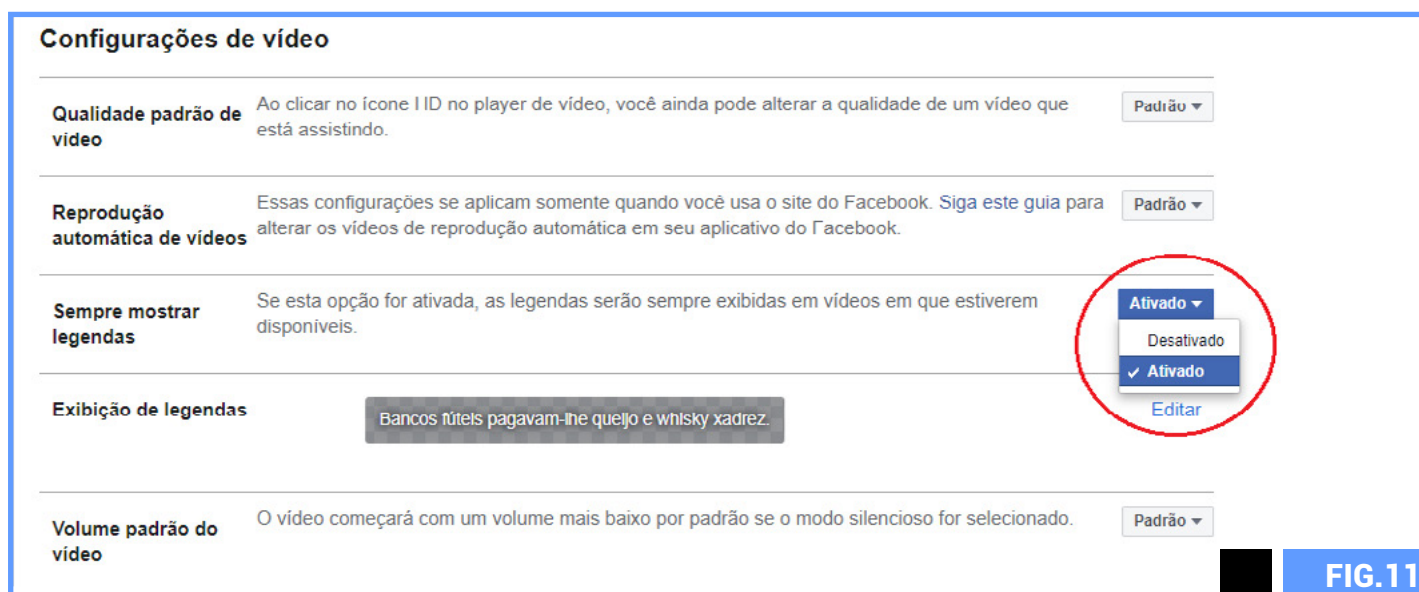


FIG. 11

No caso de transmissões pelo StreamYard vinculadas ao YouTube, para ativar a legenda ao vivo de seu evento, você precisa enviar as legendas para o YouTube de um **software** compatível por meio de POSTs HTTP. Recomendamos contratar um serviço específico para isso.

A seguir o passo a passo, retirado do setor de "ajuda" do YouTube:

1. Crie seu evento normalmente. Você precisa usar a nova plataforma YouTube ao vivo.
2. Na parte inferior da guia Configurações de processamento, há uma seção Legenda oculta. Marque a caixa para Ativar as legendas (requer **software** compatível).
3. Clique na caixa URL Processamento de legendas para selecionar tudo e copiar. Este é um URL http de assinatura. (Cada ponto de entrada de *stream* pode ter apenas um *feed* de legenda).
4. Forneça este URL a seu legendador para que ele insira no software de legendas compatível

com o YouTube.

5. Clique em Salvar.

Para melhores resultados, certifique-se de que o relógio de seu sistema esteja preciso e desative qualquer software antivírus que possa interferir com o software de legenda.

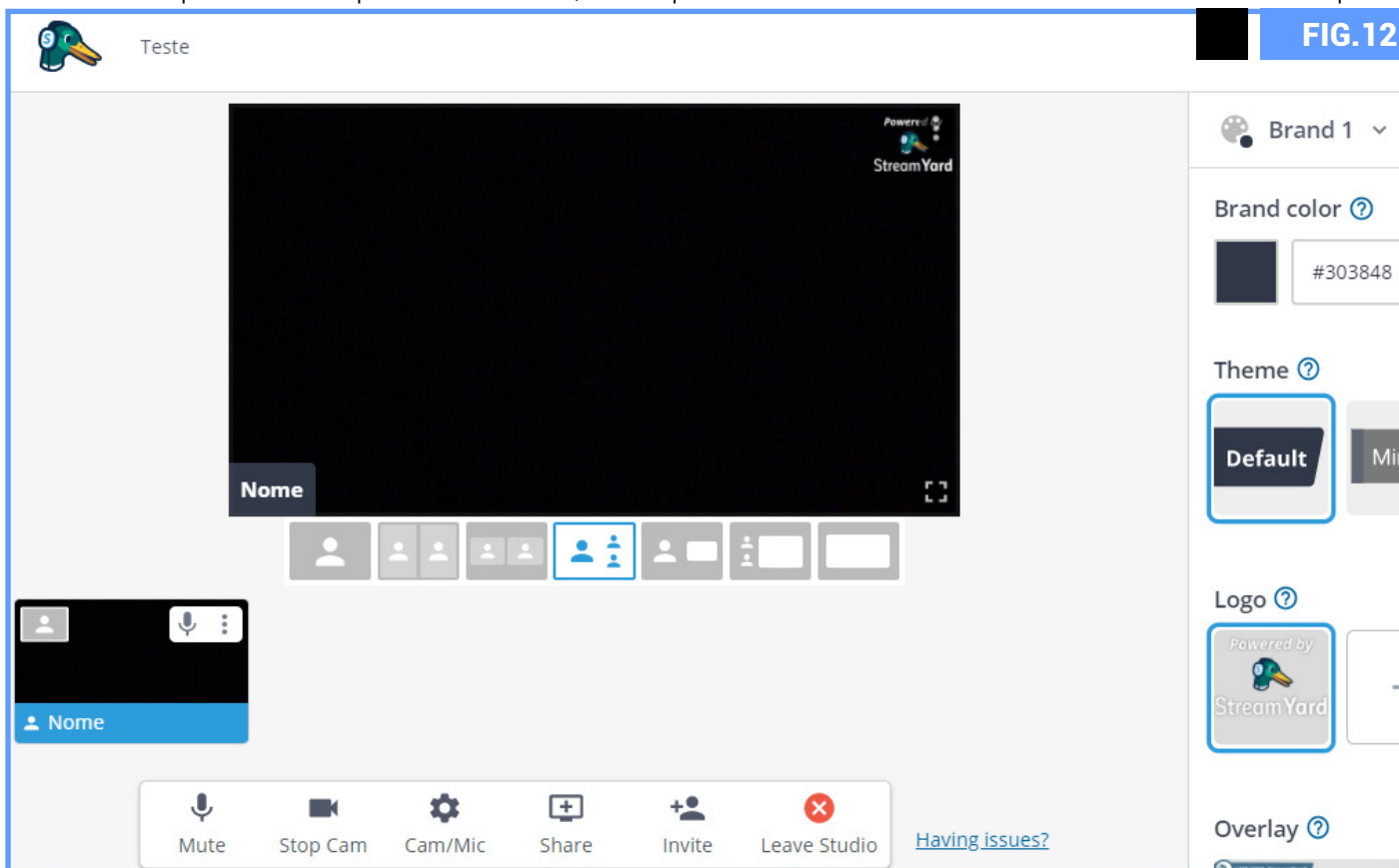
Softwares compatíveis:

- [Total Eclipse](#)
- [Case CATalyst](#)
- [Caption Maker](#)
- [StreamText.Net](#)

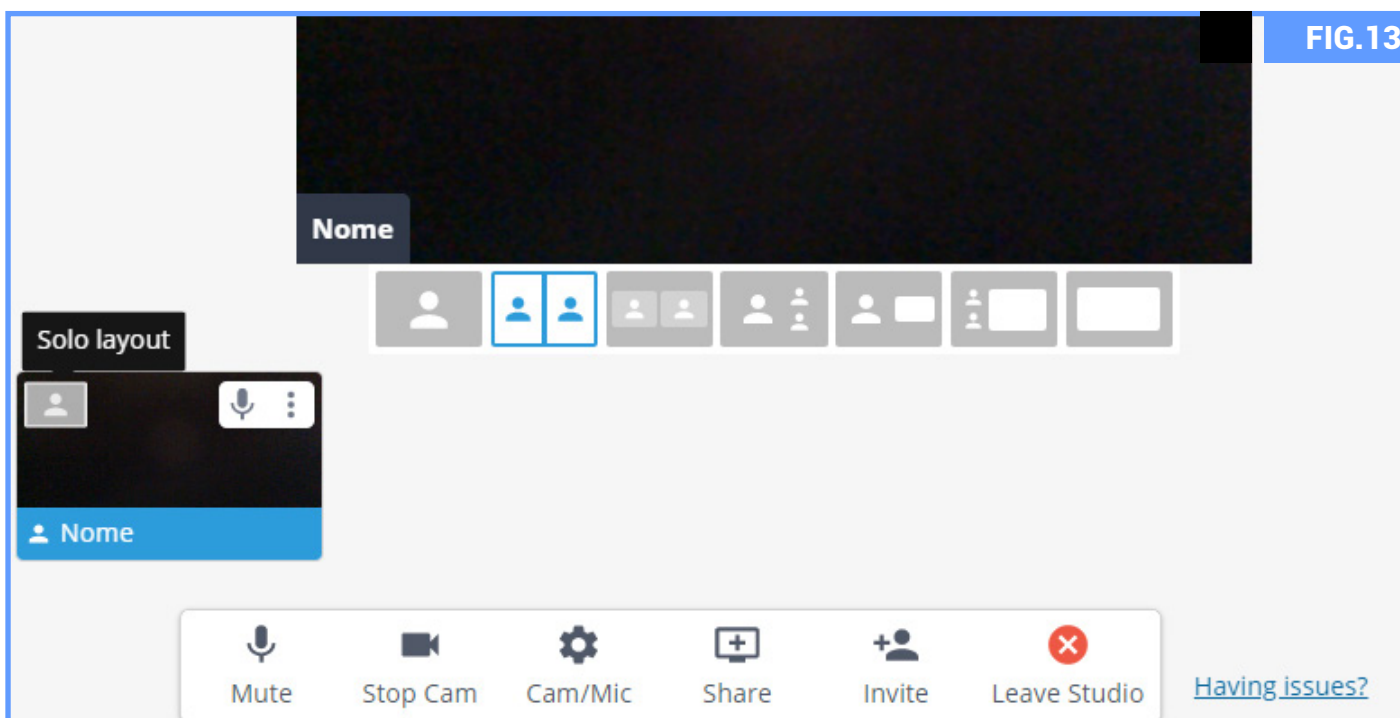
Na plataforma do StreamYard, para fixar a janela de uma pessoa na tela (o que pode ser necessário em casos de reuniões ou palestras com intérpretes de Libras, por exemplo), na página de edição de informações da conversa (**broadcast studio**), basta selecionar as opções de **layout** disponíveis no centro da tela, dispostas na barra de ferramentas abaixo da tela principal. Para destacar uma pes-

soa em primeiro plano e as demais em segundo, sugerimos a 4ª opção disponível.

Para fixar apenas uma pessoa na tela, você pode clicar no ícone com o símbolo de uma pes-



soa no canto superior esquerdo da janela do participante e selecionar a opção "solo layout". Para cancelar a marcação e retornar à configuração inicial, clique no mesmo local anterior, na opção "exit solo layout".



Letícia Galatro

“Meu nome é Letícia Galatro Alves, tenho 20 anos e sou uma mulher com deficiência devido a complicações da prematuridade. Sempre fui extremamente protegida por todos à minha volta porque, segundo eles, o mundo é muito perigoso para uma mulher com deficiência. A situação que mais me marcou foi no nono ano do ensino fundamental, quando um professor de educação física me proibiu de participar da aula dele por não ter a “capacidade necessária”. Quando meus pais foram reclamar na diretoria, eles ouviram que a escola não podia fazer nada sobre isso e eu precisava aceitar. Hoje, ainda bem, entendo que não preciso ter vergonha da minha deficiência e não preciso me esconder. Percebo que estamos evoluindo, acredito que as pessoas estão, de certa forma, mais abertas à diversidade, ao respeito e à inclusão.”



Paolla Vicentin

"Meu nome é Paolla Vicentin, tenho 27 anos e sou uma pessoa com deficiência física devido a um acidente que sofri aos 20 anos de idade, em uma festa de casamento. Sou formada em Psicologia. Na faculdade fiz estágio em um escritório com dois andares no prédio, porém não tinha elevador nem rampa para subir para o segundo andar. Meus supervisores solicitaram que eu trabalhasse em uma sala fechada, sozinha e isolada das outras pessoas, que ficava no andar de baixo. Isso prejudicou a comunicação entre mim e a equipe, pois fiquei praticamente impossibilitada de conversar com os outros trabalhadores da empresa, compartilhar ideias ou me aproximar das pessoas durante as atividades de trabalho, o que acabou afetando o meu desenvolvimento profissional. Se o escritório fosse devidamente acessível, eu não precisaria ter passado por isso e poderia ter contribuído para melhores resultados da empresa no mercado."



5.5. DESCRIÇÃO DE IMAGENS (TEXTO ALTERNATIVO) – DICAS PARA PROFISSIONAIS DE COMUNICAÇÃO

É imprescindível que todas as imagens das plataformas digitais da empresa (fotos, figuras, pinturas, gráficos, infográficos, organogramas, mapas, ilustrações, capturas de tela, GIFs, memes, tirinhas, etc.) estejam descritas pela famosa “descrição de imagens” ou “texto alternativo”, para que pessoas com deficiência visual consigam absorver sua mensagem, através dos leitores de tela, que reproduzem o conteúdo textual em forma de áudio. Mas como fazê-la?

No geral, o mais recomendável é descrever (em forma de texto) de maneira sucinta e objetiva/descritiva os principais elementos que constam dentro da imagem. Ou seja, as informações essenciais para a compreensão total do contexto. Priorizar o que está em primeiro plano e, quando relevante, o que vem em segundo plano.

Não existe uma receita pronta, é praticando que se aprende como fazer. Mas claro que utilizar o bom senso é o mais importante. Após realizar a descrição e na dúvida se ficou boa, você pode perguntar para uma pessoa (ou mais de uma) com deficiência visual o que achou e se conseguiu compreender as informações com facilidade.

Algumas dicas para uma boa descrição de imagens:

1. Descrever de maneira breve e objetiva.
2. Sintetizar as informações principais.
3. Evitar julgamentos subjetivos ou pessoais.
4. Evitar se estender nos detalhes irrelevantes.
5. Dependendo do contexto (e caso seja relevante), descrever cores, tamanhos e texturas.
6. Colocar-se no lugar de uma pessoa cega e pensar “se eu não enxergasse, como gostaria de receber as informações dessa imagem?”
7. Ao final, reler, conferir e concluir.

Compartilhamos a seguir recomendações interessantes para descrição de imagens, que constam no [guia do Instituto Alana](#), que podem auxiliar pessoas com qualquer tipo de deficiência que tenham dificuldades para absorver informações, não somente os cegos, mas também deficiência intelectual, dislexia, TDAH e daltonismo, por exemplo.

- Classificar se a imagem é estática (fotografias, desenhos, pinturas, gravuras, gráficos, infográficos) ou dinâmica (cinema, TV, vídeos, GIF).
- No caso dos gráficos, pontuar os elementos e relatar a conclusão, a informação que eles trazem ali. Idealmente, essa classificação vem antes da descrição do conteúdo.
- Indicar se existe som/áudio acompanhando o material.
- Escrever frases em ordem direta para garantir a compreensão da leitura, buscan-

do organizar do geral para o específico, e usar o tempo verbal sempre no presente.

- Evitar o uso do gerúndio.
- Dar preferência a um vocabulário simples e de fácil compreensão.
- Identificar e localizar a pessoa, o objeto ou a cena a ser descrita.
- Relatar os enquadramentos e planos da imagem quando necessário para a identificação e localização dos elementos que compõem a imagem.
- Apontar características e informações relevantes no contexto, levando em consideração aspectos históricos e culturais.
- Mencionar cores e demais detalhes de textura e elementos táteis (caso seja relevante para a compreensão do conteúdo). As cores são experienciadas e, quando são descritas, abrem a possibilidade de a pessoa cega experimentar a informação. São dados fundamentais até para que a pessoa consiga construir referências de comunicação. O mesmo acontece com a textura, que pode trazer uma sensação de presença do material. Pessoas cegas têm a experiência da sensação tátil e, por isso, a textura torna-se um recurso para ajudar na melhor compreensão da cena.
- Antes de tudo, defina as informações principais do conteúdo audiovisual.
- Alguns elementos ajudam bastante na compreensão, como sujeito, paisagem, contexto e ação.
- Dependendo do contexto, é importante

dizer se a imagem está na horizontal ou vertical.

- No conteúdo em áudio, o leitor precisa do texto alternativo da legenda das imagens. Se não o encontrar, lerá apenas o título do arquivo.

Exemplos de descrição de imagens:

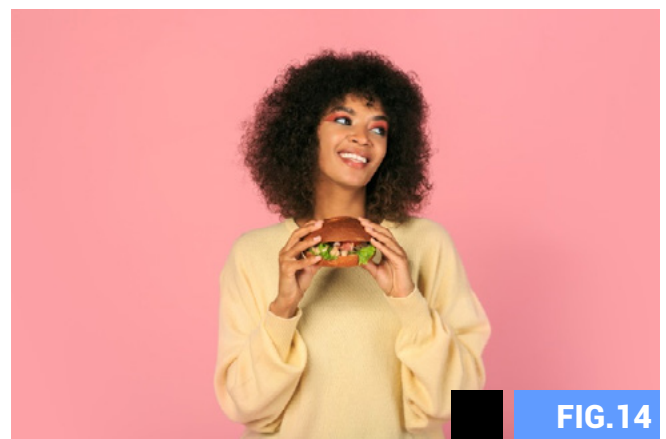


FIG. 14

Descrição de imagem: mulher negra com cabelo cacheado, vestindo um suéter em tom amarelo-pastel, sorrindo e olhando para o lado enquanto segura um sanduíche. Ao fundo, uma parede lisa em tom rosa claro.



FIG. 15

Descrição de imagem: foto da paisagem de "Machu-Picchu" no Peru: muros e construções extensas em formatos de pirâmides e

labirintos na cor marrom, estilo medieval, em cima de uma montanha alta verde clara com o sol batendo. Ao fundo, outras montanhas verde-escuras mais altas, com as nuvens e o céu invadindo na cor azul e branca.



Fonte da imagem: <https://dasartes.com.br/de-arte-a-z/controversia-no-twitter-sobre-van-gogh-por-que-um-tweet-viral-tentou-cancelar-o-pos-impressionista/>

FIG. 16

Descrição de imagem: pintura "Café Terrace at Night" do artista Van Gogh, no estilo impressionista. A figura representa a área externa de um restaurante em uma calçada de pedras, durante o período noturno. As primeiras mesas (em primeiro plano) estão vazias e as últimas mesas (ao fundo da imagem) estão preenchidas por clientes sentados e um garçom servindo, com roupa azul. As mesas estão apoiadas em um *deck* de madeira laranja de frente para a parede externa do restaurante verde e amarela e abaixo de um toldo amarelo que tem sua origem na própria parede. Acima do toldo é possível visualizar janelas e parede de parte do segundo andar da construção do restaurante,

similar a uma casa. Ao lado direito do restaurante é possível visualizar poucas pessoas andando pela calçada, passando em frente a outros prédios vizinhos. Na parte de cima da imagem dá para ver um céu azul-claro com algumas estrelas em formato circular.

Elemento "alt" para desenvolvedores

Dica especial para desenvolvedores / profissionais de T.I. / coders / U.X. Designer:

A descrição pode constar na própria legenda da figura, ou, caso necessite ser mais extensa, na função de texto alternativo. Em páginas Web, o texto alternativo deve constar no atributo "alt" do elemento . Em documentos digitais, como os gerados a partir do Microsoft Office Word, Microsoft PowerPoint, LibreOffice Writer e LibreOffice Impress, é possível inseri-lo acessando as propriedades da imagem. Neste **documento** é possível saber como inserir texto alternativo em documentos digitais. **Caso você seja um profissional da área de tecnologia da informação ou tenha interesse no tema, confira esse [post](#) da Handtalk para saber mais aprofundadamente como utilizar o elemento "alt" na descrição das imagens em seu site.**

Descrição de imagens em aplicativos

Devemos atentar para descrever todas as imagens que postamos em redes sociais e aplicativos como: Instagram, WhatsApp, LinkedIn, Twitter, Facebook, Telegram, etc. Abaixo explicaremos o passo a passo para fazê-lo no Instagram.

Obs. importante: não esquecer de implementar a prática da descrição de imagens quando enviar fotos nos grupos de WhatsApp das empresas que tenham participantes com deficiência visual.

Instagram

Para descrever imagens nas fotos do Instagram para pessoas cegas ou com baixa visão existem duas alternativas (ambas são lidas em formato de áudio pelos softwares de leitor de tela): 1) redigir o texto na própria legenda da foto ou 2) utilizar a opção “texto alternativo” nas configurações de acessibilidade do post. A diferença entre as duas é que a legenda é pública e possibilita a qualquer pessoa ter acesso à descrição. Já o texto alternativo fica ocultado no post

e é apenas “lido” pelas pessoas que utilizam os leitores de tela. Caso opte pela opção da legenda, é bacana utilizar a hashtag #paracegosverem ou #paratodosverem para contribuir no movimento e influenciar outras pessoas a fazerem o mesmo.

A ferramenta “texto alternativo” é muito prática e simples de ser utilizada. Após selecionar a foto, clicar no botão “avançar” e ir para a página seguinte – em que você escreve o texto da legenda, marca pessoas e adiciona localização –, clique em “configurações avançadas” na parte inferior da tela. Depois, dentro das opções de Acessibilidade, clique em “Escrever texto alternativo”. Pronto, é só escrever a descrição da imagem na caixa de texto disponível e finalizar.

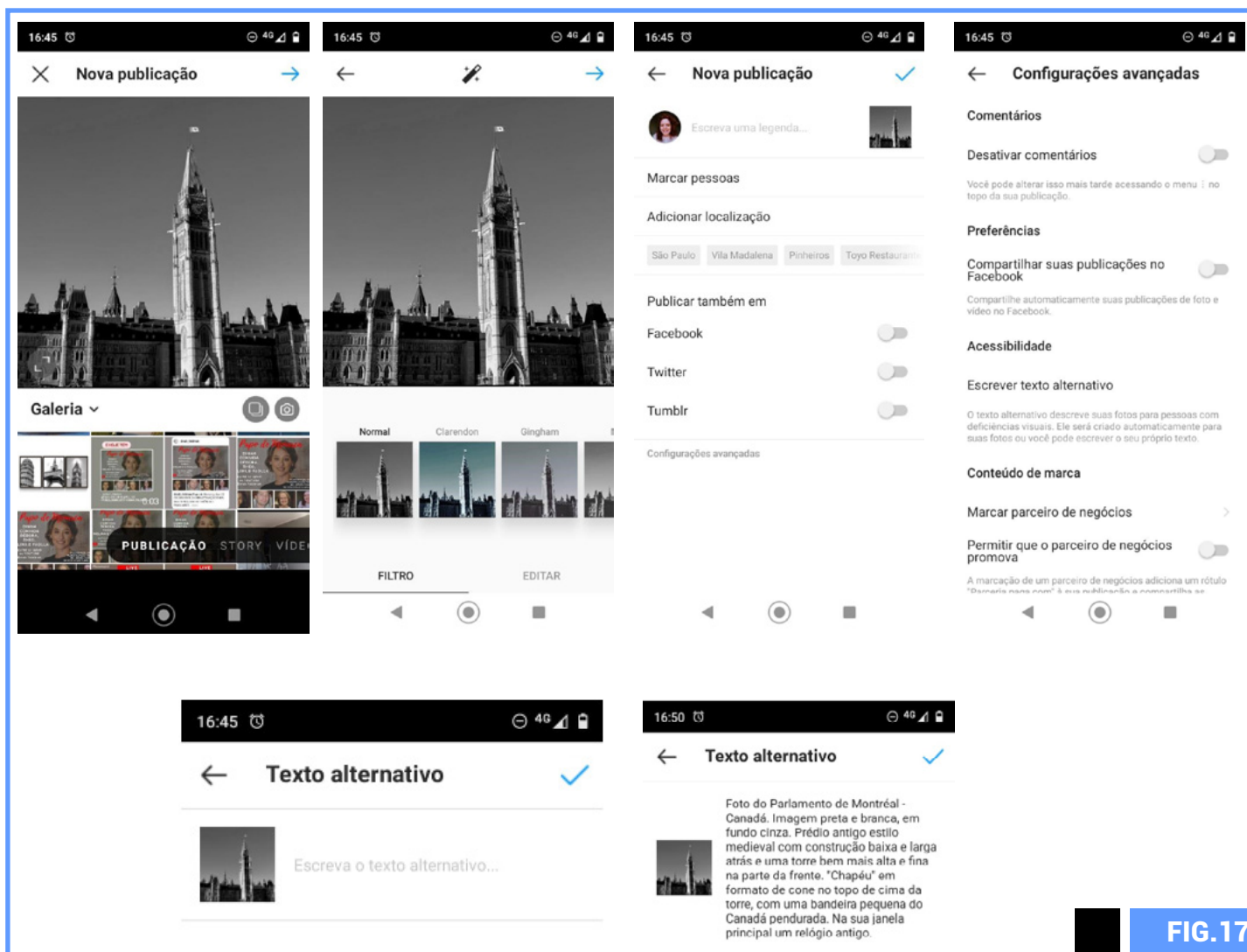


FIG. 17

6

COMO GARANTIR
ACESSIBILIDADE
COMUNICACIONAL
PARA CADA TIPO
DE DEFICIÊNCIA E O
QUE ELIMINAR DO
SEU VOCABULÁRIO

6. COMO GARANTIR ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL PARA CADA TIPO DE DEFICIÊNCIA E O QUE ELIMINAR DO SEU VOCABULÁRIO

Tipos de deficiência

Segundo a definição legal, existem sete tipos de classificação para as deficiências, sendo que cada uma delas se manifesta de diversas maneiras e pelas mais variadas causas. A seguir, iremos citá-las:

Física

As deficiências físicas e suas causas são diversas, podendo estar ligadas a: genética, gestação ou gravidez, consequência de doenças infantis e adultas, violência e acidentes. Segundo a legislação, são classificadas como alteração (completa ou parcial) de um ou mais segmentos do corpo humano acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de:

- Paraplegia
- Paraparesia
- Monoplegia
- Monoparesia
- Tetraplegia
- Tetraparesia
- Triplegia
- Triparésia
- Hemiplegia
- Hemiparesia
- Ostomia
- Amputação ou ausência de membro
- Paralisia cerebral
- Nanismo
- Membros com malformação congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzem dificuldades para o desempenho de funções.

Recursos de acessibilidade e apoio

Pessoas com deficiência física podem precisar (ou não) utilizar um ou mais recursos

para se locomover e para desempenhar suas atividades cotidianas com autonomia (total ou parcial), dependendo da necessidade e preferências. São exemplos: bengala, andador, prótese, órtese, muleta, cadeira de rodas manual ou motorizada, mobiliário adaptado, recursos feitos sob medida para mãos, apoio de cabeça, mouse adaptado, leitor de retina e, em alguns casos, o apoio de um profissional cuidador.

O que eliminar do vocabulário

Expressões e palavras que se refiram a características físicas de forma jocosa, irônica e depreciativa:

PERNETA	DAR UMA DE JOÃO SEM BRAÇO
MANETA	DAR UMA MANCADA
MANCO	"ELA FOI VÍTIMA DE PARALISIA INFANTIL"
MANQUITOLA	ESTA PESSOA "TEVE POLIOMIELITE", "TEVE PÓLIO" OU "TEVE PARALISIA INFANTIL"
PARECE QUE É ALEIJADO	"O EPILÉTICO"
ALEIJADINHO	"O PARALISADO CEREBRAL"
CAPENGA	
FAÇA VOCÊ. VOCÊ NÃO TEM MÃO? NÃO TEM PÉ?	
PARALÍTICO	
CADEIRA ELÉTRICA	



Maria Paula Vieira

"Meu nome é Maria, tenho 27 anos. Sou jornalista, fotógrafa, criadora de conteúdo, ativista, modelo e uma mulher com deficiência. Possuo uma doença genética rara, desde os três anos, nunca diagnosticada, sempre tive dificuldade de locomoção e desde a adolescência sou cadeirante. O mercado de trabalho sempre foi uma barreira pra mim: eu já fui descartada em entrevistas de emprego pela minha deficiência, assim como já recebi e-mails dizendo que meu currículo era incrível, mas infelizmente eles não possuíam acesso no local. Isso me desestimulou tanto a estar em um mercado que não me oferece acesso e acredita no meu potencial que eu decidi empreender e é dessa forma que eu mostro minhas capacidades."

João Paulo Lima

"Meu nome é João Paulo Lima, tenho 27 anos e sou pessoa com deficiência física por conta de um erro médico. Minha mãe foi esquecida em trabalho de parto por quase dois dias dentro do hospital, o que acabou resultando no meu parto prematuro de seis meses e na paralisia cerebral. Só me senti incluído de fato quando terminei o ensino médio e comecei a estudar teatro. O teatro não se importa com o corpo que você tem, a única coisa importante no teatro é ter alguém dentro do corpo. Isso acabou me dando a confiança de que eu precisava; na faculdade me tornei representante de sala e orador da turma."



Auditiva

Existem vários graus de surdez, desde leve-moderada, até severa ou profunda. De acordo com a legislação, a surdez ou deficiência auditiva caracteriza-se pela perda bilateral, parcial ou total, de 41 decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz. Apenas no Estado de São Paulo, a Lei Estadual nº 16.769 considera como pessoa com deficiência auditiva a pessoa diagnosticada com perda de audição em um só ouvido. Deficientes auditivos unilaterais também têm direito a ingresso em cargos e empregos públicos e privados pela LBI. Algumas pessoas surdas ou com deficiência auditiva podem utilizar aparelhos auditivos ou implante coclear, de acordo com orientação médica para cada caso – e também de acordo com a decisão da pessoa de usar esse recurso ou não. As pessoas surdas têm voz e, se estimuladas desde a infância, podem se comunicar oralmente.

As possíveis causas para deficiência auditiva são: consequência de doenças e infecções, síndromes, medicamentos, danos no ouvido, lesões na cabeça, malformações congênitas do ouvido, entupimento no ouvido, fatores genéticos e tumores na cabeça.

Recursos de acessibilidade e apoio

O principal impedimento para a inclusão das pessoas surdas é a barreira comunicacional. Muitos surdos são sinalizados, o que significa que utilizam a língua de sinais para se comunicar. No Brasil é utilizada a Libras, ou Língua Brasileira de Sinais, que chegou a ser proibida no passado e, em 2002, foi reconhecida como língua oficial.

Por isso mesmo, a LBI determina a presença de intérpretes profissionais em todos os eventos corporativos e públicos, presenciais ou virtuais, sejam reuniões, treinamentos ou movimentos de celebração. Vídeos institucionais, de capacitação, promocionais e de posicionamento também precisam ser editados com a janela de interpretação em Libras.

Os surdos podem ser bilíngues, ou seja, surdos que usam a Libras como primeira língua e aprendem o Português como segunda língua. Por isso, para os vídeos e reuniões **online** também é necessário, além de intérpretes profissionais, o uso de legendas, pois não são todos os surdos que são sinalizados.

Mesmo com o uso de aparelho auditivo ou implante coclear, a pessoa continua sendo uma pessoa com deficiência auditiva, e por isso mesmo algumas atitudes precisam ser adotadas no relacionamento profissional e social, como falar de frente para a pessoa, sem a necessidade de exagerar nos movimentos da boca nem de elevar a voz, para permitir a leitura labial.

O que eliminar do vocabulário

SURDO-MUDO

MUDINHO

VOCÊ NÃO ME OUVES? PARECE SURDA!

LINGUAGEM DE SINAIS

LINGUAGEM DE GESTOS

MÍMICA

A CRIANÇA “SOFRE” DE SURDEZ

✓ O que fazer

- Ao se comunicar, fique de frente para a pessoa.
- Sempre que possível, mantenha contato visual.
- Ao se comunicar com uma pessoa surda em uma conversa traduzida por um(a) intérprete de Libras, direcione suas falas diretamente à pessoa surda e não ao intérprete.
- Para chamá-la, caso ela não esteja vendo você, toque no ombro com calma.
- Ao se comunicar com uma pessoa surda, caso você não entenda o que foi dito, peça para a pessoa repetir, com calma.
- Tenha paciência ao se comunicar, e caso a pessoa não entenda o que você disse, repita, com calma.
- Se necessário, comunique-se por bilhetes.
- Seja expressivo..

✗ O que não fazer

- Gritar para a pessoa surda ouvir você.
- Falar com pausas excessivas: pode falar no ritmo normal e tenha uma boa articulação.
- Evitar fazer gestos bruscos.
- Ao se comunicar, não segure objetos em frente da sua boca.



Descrição de imagens por Fernanda Brahemcha e Gustavo Torniero

Camila Delfino

"Camila Delfino, 37, professora de Libras e surda. Nós temos dois mundos completamente diferentes através da comunicação, mas se nos unirmos e aceitarmos nossas diferenças, a comunicação entre falada e sinalizada seria uma só."

Marita Oliveira

"Me chamo Marita Oliveira, nasci surda profunda. Sou atriz, designer e professora de Libras. As pessoas surdas percebem o mundo através dos olhos. Tenho algumas barreiras. Eu gosto de assistir a vídeos no YouTube, a maioria das legendas é automática e umas muito erradas. Sempre pergunto aos cursos que desejo fazer se têm intérprete de Libras, e o resultado é negado, devido à verba. O hospital ou clínica é um problema maior, pois ainda está faltando intérprete de Libras, precisamos sempre levar alguma companhia."



Visual

A deficiência visual ou perda da visão é o comprometimento parcial ou total da visão. Pode ser congênita ou adquirida e as principais causas são: infecciosas, nutricionais, traumáticas ou doenças como o glaucoma ou a catarata. O indivíduo com baixa visão só consegue ler textos impressos quando são ampliados ou se usar recursos especiais (ópticos). As pessoas com deficiência visual também podem necessitar da utilização de: bengalas, piso tátil, sistema Braille, leitores de tela e recursos de audiodescrição. As pessoas com deficiência visual enfrentam muitas barreiras para locomoção e também na comunicação.

Tipos de deficiência visual:

- cegueira: acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho com a melhor correção óptica;
- baixa visão: acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica;
- visão monocular: acuidade visual com a melhor correção óptica é igual ou menor que 0,05 (20/400) em um olho (ou cegueira declarada por oftalmologista).

Recursos de acessibilidade e apoio

As pessoas cegas e com baixa visão podem ser alfabetizadas em Braille, utilizando as pontas dos dedos para ler e recursos como a reglete ou a máquina de escrever. Aprender o uso correto da bengala (branca para cegos, verde para baixa visão ou vermelha para surdo-cegos) confere autonomia de mobili-

dade, assim como o piso tátil em ruas e espaços grandes de circulação. Algumas pessoas cegas utilizam também o apoio de um cão-guia, animais treinados desde bebês em instituições especializadas para esta finalidade. Atualmente há vários recursos de acessibilidade digital disponíveis gratuitamente, como softwares leitores de telas; lupas e ampliação do tamanho da fonte do texto; recursos para descrição de imagens em posts; publicações e apresentações de slides; aplicativos que indicam a localização e transporte urbano; óculos que fazem reconhecimento facial e leitura de imagens; e aplicativos de apoio temporário voluntário, como o "be my eyes".

✓ O que fazer

- Descrever sua aparência e ambiente ao entrar em alguma reunião **online**.
- Oferecer o ombro ou o braço para guiar a pessoa (caso ela aceite). Se ela estiver com um cão-guia, ande sempre ao lado direito dela. Nunca ao lado do cão.
- Avisar (discretamente) se houver qualquer problema com a vestimenta dela (botões abertos, manchas, etc.).
- Se estiver guiando a pessoa, avisar com antecedência quando tiver obstáculos ou degraus no caminho.
- Se você estiver acompanhado, avise a pessoa cega quem está com você.
- Cumprimente a pessoa em voz alta ao entrar e sair do local em que ela está.
- Ao explicar o percurso para um deficiente visual, evite expressões como "lá" ou "aqui". Dê detalhes como: "2ª rua à esquerda" ou "3 passos à direita", etc.

✗ O que não fazer

- Gritar para a pessoa cega enxergar você ou desviar de um objeto.
- Brincar com o cão-guia ou alimentá-lo.
- Sair do local e deixar a pessoa falando sozinha.
- Evitar brincadeiras do tipo "adivinha quem é".

O que eliminar do vocabulário

CEGUINHO(A)	OLHO DE VIDRO
ESTRÁBICO(A)	CEGUETA
NÃO ACREDITO QUE NÃO VIU AQUILO. VOCÊ ESTÁ CEGO?	OLHOS ESBUGALHADOS
VESGO	MAIS PERDIDO QUE CEGO EM TIROTEIO



Descrição de imagem 3 por Fernanda Brahemcha e Gustavo Torniero

Gabriel Facchini

"Meu nome é Gabriel Facchini, tenho 23 anos. Eu tenho síndrome de Down. Sou graduado em fotografia e trabalho na Secretaria Especial de Comunicação (SECOM), junto com o prefeito Bruno Covas. A fotografia é uma forma de eu me sentir incluído e incluir os outros."



Descrição de imagem por Fernanda Brahemcha e Gustavo Torniero

Gustavo Torniero

"Meu nome é Gustavo Torniero. Sou jornalista, ativista, pessoa cega e consultor em acessibilidade. Eu me sinto excluído com a falta de descrições de imagens de amigos e de pessoas que eu acompanho nas redes sociais."

Intelectual

No Censo 2010 (IBGE), a deficiência intelectual (DI) foi declarada por 2.611.536 pessoas, representando 1,4% da população brasileira. Segundo a American Association on Intellectual and Developmental Disabilities (AAIDD), a deficiência intelectual caracteriza-se por alterações significativas relacionadas a déficit tanto no desenvolvimento intelectual quanto na conduta adaptativa e na forma de expressar habilidades práticas, sociais e conceituais. O comprometimento geralmente ocorre antes da fase adulta (até os 22 anos, em média), ou seja, durante o período de desenvolvimento da infância ou adolescência. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V classifica a deficiência intelectual como um "transtorno com início no período do desenvolvimento que inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático". Podemos classificar, como:

Habilidades conceituais:

- linguagem e alfabetização;
- conceitos de dinheiro, tempo e número;
- autodireção.

Habilidades sociais:

- habilidades interpessoais;
- responsabilidade social, autoestima, cautela;
- resolução de problemas;
- capacidade de seguir regras ou obedecer às leis.

Habilidades práticas:

- atividades da vida diária (cuidados pessoais);
- habilidades ocupacionais;
- saúde;
- transporte;
- horários/rotina;
- segurança;
- uso do dinheiro ou telefone.

Para que uma pessoa com deficiência possa ser incluída dentro de uma empresa através da Lei de Cotas, ela precisa ter um laudo médico comprovando o diagnóstico, baseado na Classificação Internacional de Doenças e Problemas de Saúde, sendo a deficiência intelectual correspondente ao CID-10. Apesar de a CID-10 (1998) classificar a deficiência baseada, principalmente, no QI (Quoeficiente de Inteligência) inferior a 70, para uma avaliação de diagnóstico adequada e fidedigna à realidade, a AAIDD enfatiza que fatores adicionais devem ser levados em consideração, como o ambiente e a cultura do indivíduo. O DSM-5 (2013) propõe a classificação da deficiência intelectual em leve a profunda, sendo os vários níveis de gravidade definidos com base no funcionamento adaptativo, e não em escores de QI, uma vez que é o funcionamento adaptativo que determina o nível de apoio necessário. Dessa forma, as avaliações devem levar em consideração o contexto vivenciado, faixa etária, cultura, diversidade cultural e linguística, etc., e devem ser compostas de uma avaliação médica multidisciplinar, envolvendo modalidades

diversas como terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e psicólogos, por exemplo, que proporcionem uma visão holística e humanizada, além da biomédica, e que possibilitem a elaboração de planos de suporte individualizados. Para fins de legislação, a pessoa com deficiência intelectual não é necessariamente considerada incapaz de exercer sua cidadania e, com os devidos suportes, é possível o exercício de sua autonomia e desenvolvimento de carreira.

As deficiências intelectuais mais conhecidas são:

- Síndrome de Down
- Síndrome do X frágil
- Síndrome de Prader-Willi
- Síndrome de Angelman
- Síndrome de Williams

Recursos de acessibilidade e apoio

É possível a utilização de recursos que facilitem a acessibilidade comunicacional, por vezes não verbal. As ajudas técnicas, também chamadas de tecnologia assistiva, são equipamentos, produtos ou sistemas capazes de contribuir para o pleno desenvolvimento das pessoas com deficiência e, no caso da deficiência intelectual, são muito bem-vindas. Elas possibilitam a equiparação de oportunidades, autonomia e qualidade de vida por meio de acesso a processos e bens já utilizados pela comunidade. São exemplos de ajudas técnicas: comunicação alternativa – desenhos, figuras ou imagens, geralmente em formato de cartões ou placas que facilitem a compreensão de determina-

da atividade ou conceito, como por exemplo um quadro com horários da rotina da pessoa colado na parede, ou gavetas com etiquetas externas que ilustram o objeto que elas contêm dentro. Algumas pessoas com deficiência intelectual também podem utilizar recursos para ler e escrever, como softwares e leitores de tela. Pode considerar-se também o controle de ambientes que possam vir a interferir no equilíbrio socioemocional, tais como: excesso de claridade ou ruídos agudos e repetitivos como de máquinas. Importante lembrar da acessibilidade arquitetônica, para facilitar a locomoção no ambiente interno, muitas vezes fazendo-se necessário o uso de rampas, barras de apoio, pisos antiderrapantes, entre outros, que podem minimizar dificuldades de locomoção, muitas vezes atribuídas às pessoas com deficiência intelectual.

O que eliminar do vocabulário

DÉBIL MENTAL	BURRO
MONGOLOIDE, MONGOL	ANTA
DOENTE DA CABEÇA	ESPECIAL
DOENTINHO(A)	SOFRE DE ...
RETARDADO	CRIANÇA
RETARDADO MENTAL	AGRESSIVA
“FINGIR DEMÊNCIA”	DEFICIENTE MENTAL
	ANJO

✓ O que fazer

- Usar palavras de fácil compreensão e exemplos concretos para contextualizar a sua fala.
- Independentemente do tipo de deficiência intelectual, é adequado dar o tratamento de acordo com a idade da pessoa.
- Ao se comunicar com a pessoa, peça para que repita o que disse, caso você não tenha entendido. Não finja que entendeu tentando agradá-la. Ela vai perceber. Se você pedir para repetir, fará com que a pessoa se sinta valorizada pelo seu interesse.
- Estabeleça limites e tarefas a serem cumpridas de forma respeitosa, não tenha receio de ofendê-la.

✗ O que não fazer

- Ilustrar pessoas com deficiência intelectual de forma infantilizada.
- Apertar a bochecha da pessoa.
- Tratar como criança ou nenê (caso ela seja adulta).
- Fazer uso exagerado dos diminutivos.
- Subestimar a capacidade antes de testar as possibilidades na prática.



Descrição de imagem 3 por Fernanda Brahemcha e Gustavo Tomiere

Sidney Tobias

"Sou Sidney Tobias, perdi a visão com 13 anos. Sou analista de sistemas e frequentemente preciso de cursos para utilizar novas ferramentas. Os instrutores sempre utilizam recursos visuais nesses cursos sem qualquer descrição das imagens ilustrativas. Isso dificulta a absorção e o aprendizado. Normalmente acabo precisando buscar fontes alternativas para suprir a falta desse material disponível a todos os alunos, menos aos que têm deficiência visual."



Dinacleia Galdino

"Meu nome é Dinacleia, mas muitos me conhecem como Dina ou Cleia. Trabalho como analista de projetos na Serasa Experian. Sou cega total e pelo fato de 75% das informações virem pelos olhos, as pessoas acham que não podem conversar comigo. Algo inusitado foi quando pedi informações para chegar em um local e a pessoa perguntou se tinha que explicar para meu cão-guia."

Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que pode levar a comprometimentos em diferentes intensidades na comunicação e interação social, podendo apresentar interesses restritos, comportamentos repetitivos e hipersensibilidade a estímulos externos. Há muitos subtipos do transtorno, por isso é utilizado o termo "espectro", pelos vários níveis de manifestação – há desde pessoas com outras doenças e condições associadas (comorbidades), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, sendo que algumas nem sabem que são pessoas com autismo, pois jamais tiveram diagnóstico.

A ciência já identificou que existe uma série de genes descritos como influenciadores de alguns quadros de autismo e estes podem ser hereditários (em que os pais passaram para o/a filho/a) ou mutação genética (que aparece somente na criança). Certas influências ambientais podem ser associadas ao aumento do risco do surgimento do autismo, no feto, como, por exemplo, idade avançada dos pais ou exposição da mãe grávida a poluição e agrotóxicos. No entanto, esses fatores ainda estão em âmbito de pesquisa. Ao longo da vida, os estímulos sociais e educativos, principalmente durante os primeiros anos, podem vir a influenciar positiva ou negativamente o grau de intensidade dos comprometimentos previstos no quadro do autismo.

Recursos de acessibilidade e apoio

As pessoas com autismo podem ter dificuldade em compreender figuras de linguagem ou conceitos abstratos. Uma linguagem mais concreta, clara e didática é uma forma de apoiar na compreensão do conteúdo. Textos curtos, com imagens e fotos que exemplificam o que está escrito, são bem-vindos e contribuem para a absorção da mensagem (aliás, isso vale também para pessoas surdas). As pessoas com autismo podem também ter certa dificuldade para sair da rotina ou assimilar mudanças com rapidez e facilidade; então, no caso de uma contratação, estabelecer atividades em horários fixos e previsíveis, e alinhar antecipadamente as expectativas e responsabilidades em relação ao desempenho desse profissional também contribui para um melhor desenvolvimento.

O que eliminar do vocabulário

VOCÊ É TÃO
NORMAL, NÃO
PARECE AUTISTA

SOFRE DE
AUTISMO

ATÉ ELE(A)
QUE É AUTISTA
CONSEGUE

AUTISTA É
AGRESSIVO

NOSSA, OLHA
O FULANO, ELE
FICA ISOLADO DA
GALERA, PARECE
AUTISTA!

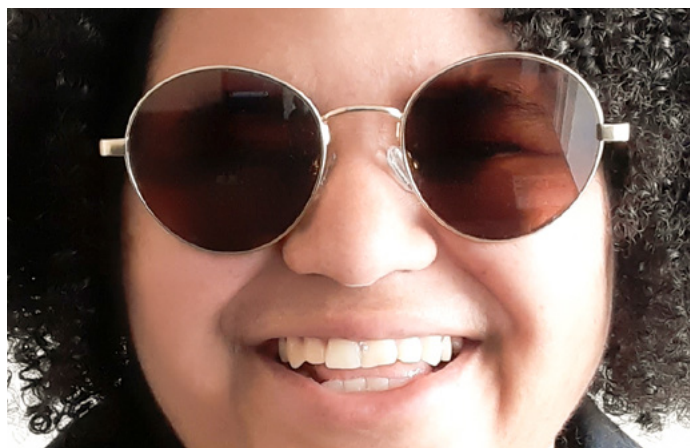
SEU AUTISTA!

✓ O que fazer

- Auxiliar na criação e manutenção de uma rotina fixa e antecipação de mudanças.
- Utilizar linguagem direta e menos abstrata possível.
- Utilizar figuras ou imagens para ampliar os recursos comunicativos.
- Utilizar estratégias possibilitadoras de comunicação ou interação social, respeitando sempre os limites impostos pela pessoa.

✗ O que não fazer

- Bagunçar/atrapalhar a rotina da pessoa.
- Tocar na pessoa sem a permissão dela.
- Cobrar reciprocidade no relacionamento.
- Evitar excesso de som, luz, cheiro ou movimento ao redor da pessoa.
- Utilizar símbolos ou figuras de linguagem para se comunicar com a pessoa, como por exemplo: "a vida é uma nuvem que voa" ou "quase morri de tanto trabalhar hoje".



Descrição de imagem 3 por Fernanda Brahencha e Gustavo Torniero

Joyce Rocha

"Sou mulher, preta, lésbica e autista. Nunca aceitei a ideia de moldar quem eu sou para ser aceita e incluída na sociedade, sempre acreditei que qualquer lugar no mundo é o meu lugar da maneira que eu sou."



Descrição de imagem 2 por Fernanda Brahemcha e Gustavo Torniero

Katya Hemelrijk

"Olá! Sou a Katya Hemelrijk da Silva, uma mulher, com deficiência, casada, mãe da Yasmin e do Renan e com 44 anos. Minha deficiência é congênita e mais conhecida como Ossos de Vidro. Tenho uma coleção de mais de 300 fraturas e, por isso, não deveria me arriscar muito por aí! Mas, infelizmente, a falta de acessibilidade nem sempre permite que isso aconteça, quando você quer realizar os seus sonhos! Tenho muitas histórias, mas a que mais me marcou foi no processo de adoção dos meus filhos. No dia da entrevista com a assistente social, recebi a informação de que ela aconteceria no andar de cima do fórum, que não era acessível. Pedi para que fosse na sala do térreo e me disseram que a assistente social tinha uma deficiência e não podia ficar subindo e descendo toda hora. Sem alternativa e com a informação de que desmarcariam a entrevista depois de seis meses de espera, subi a escada de bumbum. Ao finalizar a subida, consegui fazer a entrevista! Se eu não tivesse subido daquela forma, provavelmente o processo de adoção teria demorado ainda mais."

Psicossocial

A deficiência psicossocial passou a ser considerada pela legislação a partir da Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência da ONU, em 2006. Ela diz respeito ao comprometimento da funcionalidade a longo prazo causado por um transtorno mental grave e permanente. Ou seja, é quando a pessoa apresenta uma seqüela devido a um transtorno psíquico de longo prazo (dois anos ou mais), que afete consideravelmente o exercício de suas atividades diárias. Podemos citar como exemplo alguns casos de: esquizofrenia, transtorno bipolar, transtorno obsessivo compulsivo, depressão grave.

Recursos de acessibilidade e apoio

Uma vez estabelecido o diagnóstico, é necessário acompanhamento multiprofissional (terapeuta ocupacional, psicoterapeuta, assistente social, profissional de enfermagem, acompanhante terapeuta, psiquiatra) e a administração de medicamentos, para diminuir os sintomas e promover a autonomia e reabilitação da pessoa. Para o trabalho, é recomendada a utilização do recurso de emprego apoiado, quando a pessoa é acompanhada diretamente por profissional especialista ou instituição, garantindo seu bem-estar e apoiando a empresa na inclusão com produtividade e bom desempenho. A comunicação objetiva, clara e concisa é a mais indicada para as pessoas com deficiência mental ou psicossocial.

Múltipla

Associação de mais de uma deficiência. Os recursos de acessibilidade podem também ser associados, de acordo com o tipo de deficiência apresentado.

O que eliminar do vocabulário

DOIDINHA	"FINGIR DEMÊNCIA"
LOUCA	SEM NOÇÃO
INSANO	FORA DE SI
ELE ESTÁ SURTADO HOJE	ALUCINADO
MALUCO	

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

A importância da comunicação nas organizações

<https://endomarketing.tv/importancia-da-comunicacao-nas-organizacaoes/#:~:text=A%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20uma%20ferramenta,compreende%20e%20interpreta%20a%20mensagem.>

Quem é o profissional de comunicação do futuro?

<https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2020/08/14/quem-e-o-profissional-de-comunicacao-do-futuro.html>

TIPOS DE DEFICIÊNCIA

Deficiência Mental ou Intelectual? Implicações no uso das nomenclaturas

https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/8309_6175.pdf

Deficiência intelectual: causas e importância do diagnóstico e intervenção precoces

<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4028>

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5a Edição - DSM 5

Acesso ao PDF

American Association on Intellectual Disability - AAIDD - Definition of Intellectual Disability

<https://www.aaidd.org/intellectual-disability/definition>

O que é autismo?

<https://www.revistaautismo.com.br/o-que-e-autismo/>

Blog Crônicas da Surdez, por Paula Pfeifer

<https://cronicasdasurdez.com/quem-somos/>

Sobre surdos, LIBRAS, acessibilidade e mentiras sobre surdez

<https://cronicasdasurdez.com/sobre-surdos-libras-acessibilidade-mentiras-surdez/>

O que você pode fazer para incluir pessoas com esquizofrenia no mercado de trabalho pela lei de cotas?

<https://bibliotecaprt21.files.wordpress.com/2019/02/guia-pratico-inserir-para-gestores.pdf>

CAPACITISMO

Precisamos falar sobre Capacitismo

<https://medium.com/@revolucoesetraducoes/tradu%C3%A7%C3%A3o-andr%C3%A9-luiz-ferreira-ad70f7db76c2>

Algumas dicas básicas sobre evitar vocabulário e retórica capacitista

<https://amplifi.casa/~Asterismos/algumas-dicas-b%C3%A1sicas-sobre-evitar-vocabul%C3%A1rio-e-ret%C3%B3rica-capacitista/>

Você já ouviu falar em acessibilidade atitudinal? Sabia que esse termo existe?

<https://sondery.com.br/voce-ja-ouviu-falar-em-acessibilidade-atitudinal-sabia-que-esse-termo-existe/>

Um grande texto sobre termos, expressões, atitudes e conceitos capacitistas

<https://bloguealternative.wordpress.com/2020/04/17/um-grande-texto-sobre-termos-expressoes-atitudes-e-conceitos-capacitistas/>

ACESSIBILIDADE

Tipos de acessibilidade

<https://institutoinclusaobrasil.com.br/tipos-de-acessibilidade/>

Conheça os diferentes tipos de acessibilidade e suas definições

<https://www.watplast.com.br/blog/conheca-os-diferentes-tipos-de-acessibilidade-e-suas-definicoes/>

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL E DIGITAL

W3C no mundo

<https://www.w3.org/Consortium/>

Making the Web Accessible

<https://www.w3.org/WAI/>

W3C Brasil

<https://www.w3c.br/Sobre/>

Cartilha de Acessibilidade na Web - W3C Brasil

<https://www.w3c.br/pub/Materiais/PublicacoesW3C/cartilha-w3cbr-acessibilidade-web-fasciculo-I.html>

Web Content Accessibility Guidelines (WCAG) Overview

<https://www.w3.org/WAI/standards-guidelines/wcag/>

Guia WCAG

<https://guia-wcag.com/>

Movimento Web para Todos

<https://mwpt.com.br/movimento/>

O Guia Final de Ferramentas de Acessibilidade Digital da HandTalk

https://docs.google.com/presentation/d/16dOt_9Y5UKn5F1aMkTPTuGPWVNcAlCYcnfAF5eEug/present?slide=id.p

Um caminho para a comunicação acessível

https://alana.org.br/wp-content/uploads/2019/09/Um_Caminho_para_Comunicacao_Acessivel_Instituto_Alana.pdf

Acessibilidade Móvel: Guia para o Desenvolvimento de Aplicações Móveis Acessíveis

<https://www.sidi.org.br/guia-de-acessibilidade/index.html#inicio>

Acessibilidade Toolkit

<http://acessibilidadetoolkit.com/>

Livro de Reinaldo Ferraz - Acessibilidade na Web

https://www.amazon.com.br/Acessibilidade-Web-construir-aplica%C3%A7%C3%B5es-acess%C3%ADveis-ebook/dp/B0882KDCHK#detailBullets_feature_div

Como descrever imagens em sites

<http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/2016/09/como-descrever-imagens-em-sites.html>

Como descrever imagens em documentos digitais

https://www.dropbox.com/s/ctjr58umwhxd1ly/inserindo_descri%C3%A7%C3%A3o_em_documentos_digitais.pdf

Adicionar texto alternativo às imagens

<https://mailchimp.com/pt-br/help/add-alt-text-to-images/>

Texto Alternativo: como usar acessibilidade no Instagram

<https://postgrain.com/blog/texto-alternativo-instagram/>

Como legendar os seus vídeos: os apps que você precisa conhecer

<https://cronicasdasurdez.com/como-legendar-videos-apps/>

16 aplicativos para adicionar legendas aos vídeos

<https://www.apptuts.net/tutorial/android/aplicativos-adicionar-legendas-videos/>

Por que, como e quando usar o alt nas imagens do seu site

<https://blog.handtalk.me/texto-alternativo-alt/#:~:text=O%20texto%20alternativo%20%C3%A9%20utilizado,alt%20na%20tag%20>

Tecnologia que lê sites em voz alta conquista investidores do Brasil e dos EUA

<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/tecnologia-que-le-sites-em-voz-alta-conquista-investidores-do-brasil-e-dos-eua-4vbeqauqafyhej7xlyl09v4r2/>

6 leitores de tela para seu computador

<https://oampliadordeideias.com.br/6-leitores-de-tela-para-seu-computador/>

Recursos de acessibilidade no Zoom

<https://zoom.us/pt-pt/accessibility.html>

Acessibilidade do Google Meet

<https://support.google.com/meet/answer/7313544?hl=pt-BR>

Selo de Acessibilidade Digital CPA

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/pessoa_com_deficiencia/selo_de_acessibilidade_digital/

LEGISLAÇÃO

Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=6949&ano=2009&ato=8dec3Y61UeVpWT233>

Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)

[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm#:~:text=L13146&text=LEI%20N%C2%BA%2013.146%2C%20DE%206%20DE%20JULHO%20DE%202015.&text=Institui%20a%20Lei%20Brasileira%20de,Estatuto%20da%20Pessoa%20com%20Defici%C3%Aancia\).](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm#:~:text=L13146&text=LEI%20N%C2%BA%2013.146%2C%20DE%206%20DE%20JULHO%20DE%202015.&text=Institui%20a%20Lei%20Brasileira%20de,Estatuto%20da%20Pessoa%20com%20Defici%C3%Aancia).)
Lei de contratação de pessoas com deficiência

DESIGN INCLUSIVO

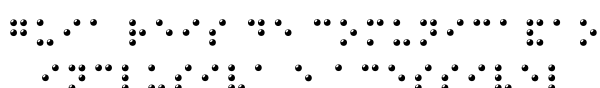
Princípios do Design Inclusivo

<http://designinclusivo.com/>

Design Inclusivo com Marcelo Sales // UXNOW

<https://www.youtube.com/watch?v=kbW4T9Nr8-w>

GUIA REIS DE COMUNICAÇÃO INCLUSIVA E ACESSÍVEL



1ª edição | Miolo composto em tipografia Roboto e Quicksand e capa em Roboto, Braille3D e Libras2002 | Publicação digital não impressa | Distribuição Gratuita e Venda Proibida | Este material não pode ser reproduzido integralmente ou parcialmente sem consentimento e autorização prévios de TozziniFreire Advogados e Rede Empresarial de Inclusão Social.



TOZZINI FREIRE
ADVOCADOS

São Paulo, SP | Abril de 2021

Direção e edição

Ivone Santana, secretária executiva REIS

Pesquisa e redação

Paolla Manguiera Vicentin,
analista de projetos Instituto Modo Parités

Coordenação de projeto editorial

Andre Bichara Corrêa, TozziniFreire

Diagramação e direção de arte

Daniel Arsky Lombardi, TozziniFreire

Revisão gramatical

Liliana Gageiro Cruz, TozziniFreire

Revisão técnica acessibilidade comunicacional e digital

Sidney Tobias de Souza

Revisão técnica Deficiência Visual

Dinacleia Galdino

Revisão técnica Transtorno do Espectro Autista e Deficiência Psicossocial

Elise Ribas Lisbôa

Revisão técnica Deficiência Auditiva

Camila Regiane Prado Delfino

Revisão técnica Deficiência Intelectual

Débora Goldzveig

Descrição de imagens

Roteiro de audiodescrição:

Fernanda Brahemcha

Consultoria de audiodescrição:

Gustavo Torniero

Extras: Paolla Manguiera Vicentin

Depoimentos

Camila Delfino, Carolina Ignarra, Cid Torquato, Dinacleia Galdino, Djalma Scartezini, Duda Schiavo, Eliane Ranieri, Gabriel Facchini, Gustavo Torniero, João Paulo Lima, Joyce Rocha, Katya Hemelrijk, Letícia Galatro, Marcelo Panico, Maria Paula Vieira, Marita Ribeiro, Paolla Vicentin, Paulo Vieira, Sidney Tobias, Tabata Contri e Vinicius Schaefer